

# QUEBRANDO O SILÊNCIO



**Criança**  
amada ou  
maltratada?

# Conjugando o verbo amar

por RUBENS S. LESSA

Cerca de 600 mil crianças/adolescentes são vítimas das várias formas de violência doméstica, por ano, no Brasil. Ou seja, 68 por hora e 1 por minuto. Esta é a conclusão a que chegou o Dr. Lauro Monteiro Filho, secretário executivo da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), ao fazer uma analogia da nossa realidade com os índices norte-americanos ([www.abrapia.org.br](http://www.abrapia.org.br)).

O quadro é assustador. De acordo com os especialistas, o Brasil está entre os países em que o nível de violência contra crianças é considerado grave. Ao escrever sobre isso na edição on-line da revista *Veja* (15 de março de 2006), Mônica Weinberg cita os resultados de estudos conduzidos pela professora Maria Amélia Azevedo, coordenadora do Laboratório de Estudos da Criança (Lacri), da Universidade de São Paulo. A matéria ressalta que a violência contra a criança começa com os castigos físicos. “A cultura de bater em crianças está arraigada na sociedade brasileira”, afirma Maria Amélia Azevedo. Ela acredita que, entre outros fatores, a sociedade escravocrata contribuiu na popularização dos castigos corporais contra as crianças brasileiras. Cerca de 60% dos habitantes de nosso País afirmam que foram vítimas de castigos físicos na infância, desde surras leves até surras que causaram graves seqüelas físicas.

Além de castigos físicos, há uma lista enorme de abusos hediondos, os quais são mencionados e denunciados, com muita clareza e coragem, pelos competentes colaboradores desta edição especial intitulada *Quebrando o Silêncio*, cujo tema central é: *Criança – amada ou maltratada?*

O conteúdo deste número reflete as preocupações de autoridades, médicos, psicólogos e educadores a respeito desse grave problema. O leitor, ao analisar os artigos e dados estatísticos, verá que “maltratar” é o verbo mais conjugado na sociedade moderna. Os fatos demonstram isso.

Contudo, existe luz no fim do túnel. A sociedade brasileira ainda pode contar com homens e mulheres que se incomodam com esse panorama sombrio que envergonha nossa nação. Graças a Deus, há pessoas engajadas na árdua missão de ensinar a conjugação do verbo AMAR. E seu método mais didático é o exemplo.

O amor tudo pode. Só o amor fará com que nossas crianças vivam sem medo. Só o amor é capaz de deter o dedo em riste, a mão prestes a dar um soco, as palavras duras, o olhar de desprezo, o espírito de dominação e a perversidade.

Embora uma gotinha num oceano de necessidades, o conteúdo desta revista tem o compromisso de ajudar as famílias de nosso País a conjugarem o verbo amar. Amar sem preconceito. Amar com um sorriso nos lábios. Amar com a mão no ombro e coração das crianças que sofrem abusos.

Vamos começar agora?

Eu amo, você ama, nós amamos as crianças do Brasil. ❖



## Seções

2 Editorial

26 Entrevista

## Artigos

4 Violência sexual contra crianças e adolescentes

6 Criança: amada ou maltratada?

9 Quem ama protege

10 Abuso infantil: "assassinato da alma"

14 Respeito por todas as pessoas (Documento)

15 Ajude as crianças a se protegerem

16 Violência contra crianças

20 Abuso sexual infantil

25 Sites úteis

30 Caixinha de surpresas

# Sumário

## Criança

*A criança é o amor feito visível.* Novalis

*O maior elogio que se pode fazer ao homem é compará-lo à criança.* José Maria Vigil

*As crianças precisam mais de modelos que de críticos.* Joseph Joubert

*Cada criança, ao nascer, nos traz a mensagem de que Deus não perdeu ainda a esperança nos homens.*

R. Tagore



Número Especial

Editor deste número: Rubens Lessa

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Projeto Gráfico: Levi Gruber



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia Estadual SP 127, km 106

Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, SP

Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900

Serviço de Atendimento ao Cliente:

(15) 3205-8888

Diretor-Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Gerente de Produção: Reisner Martins

Gerente de Vendas: João Vicente Pereyra

Foto de Capa: William de Moraes

Visite o nosso site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mails:

Redação: [redcpb@cpb.com.br](mailto:redcpb@cpb.com.br)

Atendimento ao cliente: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)



Sinais dos Tempos:

Marca Registrada no Instituto

Nacional de Propriedade

Industrial. Todos os direitos

reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

100.000 exemplares.

98771/15969

# Violência sexual contra crianças e adolescentes

A violência sexual contra crianças pode acontecer em duas situações distintas: no ambiente doméstico ou social. No primeiro caso, a violência sexual é praticada no próprio seio familiar, por parentes próximos e que mantém um convívio intenso com a criança vitimizada. No segundo caso, a sexualidade de crianças é exposta socialmente, ou seja, terceiros, sem qualquer vínculo afetivo com a vítima, relacionam-se sexualmente com ela, direta ou indiretamente. Em geral, as condutas de violência sexual deste último tipo envolvem questões financeiras, além da satisfação de desejos íntimos, pelo fato de o abusador realizar a comercialização da sexualidade das crianças. Enquadram-se nesta prática: a exploração sexual comercial de crianças (prostituição infantil), o chamado “turismo sexual” e a pornografia infantil ou sua divulgação.<sup>1</sup>

**Pornografia infantil na Internet** – O Protocolo Facultativo Para a Convenção Sobre os Direitos da Criança Relativo à Venda de Crianças, Prostituição e Pornografia Infantis define a pornografia infantil no seu artigo 2º, alínea “c”, como “qualquer representação, por qualquer meio, de uma criança no desempenho de atividades sexuais explícitas reais ou simuladas, ou qualquer representação dos órgãos sexuais de uma criança para fins predominantemente sexuais”.

A Interpol (International Organization of Criminal Police) a definiu como a “representação visual da exploração sexual de uma criança, concentrada na atividade sexual e nas partes genitais dessa criança”<sup>2</sup>, enquanto os especialistas participantes do Encontro Sobre Pornografia Infantil na Internet, realizado em maio de 1999 em Lyon, França, a conceituaram como “uma exposição sexual de imagens de crianças incluindo

fotografias de sexo explícito, negativos, projeções, revistas, filmes, vídeos e discos de computadores”.<sup>3</sup>

A produção pornográfica infantil, considerada, então, como todo material audiovisual utilizando crianças num contexto sexual, constitui exploração sexual. São exploradores os produtores (fotógrafos, videomakers), os intermediários (aliciadores e pessoas de apoio), os difusores (anunciantes, comerciantes, publicitários) e os colecionadores ou consumidores do produto final.

Para evitar essa prática, o artigo 240 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) tipificou a pornografia infantil como crime punido com pena de reclusão. (Veja íntegra dos artigos 240 e 241, modificados pela Lei Federal.)

Mas o ECA foi além. Também decidiu punir como crime, por meio do artigo 241, a apresentação, produção, venda, fornecimento, divulgação ou publicação por qualquer meio de comunicação, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente.

A Lei 10.764, aprovada em novembro de 2003, foi responsável por acrescentar a Internet no artigo 241 como meio de comunicação capaz de veicular a pornografia infantil. Esta foi uma modificação legislativa muito importante, já que vem aumentando significativamente o número de usuários da rede mundial de computadores, bem como o número de pessoas que praticam esse crime.

Com a alteração no artigo 241, o legislador também responsabiliza o provedor de serviço de hospedagem de página *web* e o provedor de serviço de acesso à Internet sempre que contribuam para a disseminação de pornografia infantil. No entanto, essa responsabilização somente acontecerá caso se comprove que o provedor tenha conhecimento da natureza do material que ele está transportando ou hospedando.

Formas de abuso e exploração sexual denunciadas ao 0800 99 0500	Exploração Sexual						3.328 denúncias
	Sub-assuntos	“Prostituição infantil”	Turismo sexual	Tráfico para fins de exploração	Venda, confecção ou veiculação de material pornográfico	Pornografia na Internet	
1997	779	64	26	19	8		
1998	192	7	8	4	8		
1999	94	2	1	4	33		
2000	282	5	1	10	30		
2001	301	2	2	5	188		
2002	505	16	3	19	256		
2003*	130	3	9	5	307		
<b>Total</b>	<b>2283</b>	<b>99</b>	<b>50</b>	<b>66</b>	<b>830</b>		

Sub-assuntos	Abuso sexual			1.565 denúncias
	Intra-familiar	Extra-familiar	Total	
1997	4	15	915	
1998	0	0	219	
1999	0	0	134	
2000	100	52	480	
2001	166	85	749	
2002	575	419	1793	
2003*	79	70	603	
<b>Total</b>	<b>924</b>	<b>641</b>	<b>4893</b>	

Fonte: ABRAPIA – fev./1997 a jan./2003 \*apenas mês de janeiro

\*apenas mês de janeiro

É verdade que, apesar de a exposição de materiais pornográficos envolvendo crianças através da Internet ser crime, a identificação dos responsáveis por essas imagens é um processo complicado. A principal dificuldade está em rastrear a origem da informação, o que pode fazer com que seja identificada a disponibilização do material sem que, contudo, haja a responsabilização penal do acusado. Em razão disso, os dados disponíveis sobre o tema não são muito completos. Ainda assim, alguns foram identificados.

No mês de maio de 2003, a Interpol, sediada em Madri, enviou à Polícia Federal brasileira a indicação de 272 *sites* nacionais que exibiam fotografias de adultos explorando sexualmente crianças. Um convênio entre o Ministério Público do Rio Grande do Sul, o Ministério Público Federal, a Interpol e a Polícia Federal revelou que em 2002 houve 1.245 denúncias de páginas na Internet contendo material de pornografia infantil. De janeiro a 31 de maio de 2003, houve 401 denúncias de páginas contendo esse tipo de material.<sup>4</sup>

Denúncias de abuso e exploração sexual feitas ao 0800 99 0500 por região						Universo considerado: 4.076 denúncias*
Região	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	TOTAL
População	12.900.704	47.741.711	72.412.411	25.107.616	11.636.728	169.799.170
Percentual população Brasil	7,60%	28,12%	42,65%	14,79%	6,85%	100%
Denúncias (Regiões)	242	1101	1966	433	334	4076
Percentual em relação às denúncias	5,94%	27,01%	48,23%	10,62%	8,19%	100%

\*Denúncias por região, sem incluir as 817 denúncias relativas à pornografia com crianças e/ou adolescentes na Internet, nas quais o Estado não foi fornecido e/ou o provedor é do Exterior.

Para que tenhamos uma idéia do problema de maneira mais isolada, o Centro de Apoio Operacional da Infância

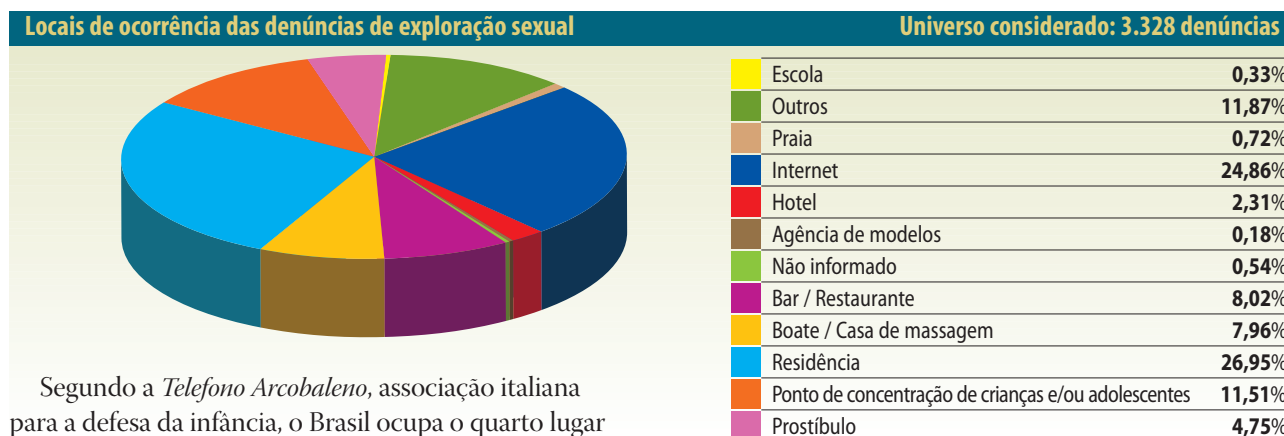
e Juventude do Ministério Público do Rio Grande do Sul, apurou no período de janeiro de 2000 a março de 2005, 4.138 denúncias de pornografia infantil na Internet.

Denúncias – Total: 4.138													
MESES	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
ANO 2000	0	0	0	0	0	0	0	0	3	6	4	7	20
ANO 2001	32	21	41	81	73	78	69	71	72	84	75	43	740
ANO 2002	55	58	173	122	118	133	53	123	81	89	88	152	1245
ANO 2003	7	17	91	143	143	91	104	123	57	56	45	59	936
ANO 2004	38	7	50	273	105	69	76	135	56	130	186	23	1148
ANO 2005	27	6	16										49

Fonte: Centro de Apoio Operacional da infância e Juventude do Ministério Público do Rio Grande do Sul

Por outro lado, é interessante observar que a Internet, da mesma forma que é utilizada como veículo de divulgação da pornografia, é ao mesmo tempo o segundo meio mais utilizado para a denúncia de

exploração sexual, com um total de 24,85%, perdendo somente para denúncias feitas em residências, dado que reforça o poder da comunicação da Internet nos dias de hoje.



Segundo a *Telefone Arcobaleno*, associação italiana para a defesa da infância, o Brasil ocupa o quarto lugar no ranking mundial dos *sites* dedicados à pornografia infantil. A entidade trabalha com informações do FBI (Polícia Federal dos Estados Unidos), da Interpol e de polícias de vários países. Em seu balanço anual de 2003, catalogou pornografia infantil em 17.016 endereços na Internet, sendo que desses, 1.210 são brasileiros.<sup>5</sup>

Não deixe de denunciar. Ligue no 0800-990500. ❖

\* Esta pesquisa foi desenvolvida por: Telefônica/Unidade Soluções "Fundação Telefônica".

#### Referências:

- Fonte: "Exploração Sexual Comercial de Meninos, Meninas e Adolescentes na América Latina e Caribe" (Relatório Final – Brasil); CECRIA – Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes – 1999, pág. 10.
- Ibidem*, pág. 12.
- Reinaldo Filho, Demócrito. "O crime de divulgação de pornografia infantil pela Internet". Breves comentários à Lei nº 10.764/03. Jus Navigandi, Teresina, a. 8, nº 174, 27 de dezembro de 2003. Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=4680>.
- Fonte: [http://www.mp.rs.gov.br/hmpage/homepage2.nsf/cd\\_entrada](http://www.mp.rs.gov.br/hmpage/homepage2.nsf/cd_entrada)
- Materia veiculada pela Revista *Isto É*, disponível no site. Dia 11/04/05 – 14:40.





# Criança amada ou maltratada?

por **URIAS CHAGAS**

**Q**ue nome damos a um acontecimento em que a inocência de uma criança é furtada? E que palavras usamos quando uma criança é violentada de forma brutal? E que dizer de uma criança jogada em situações tão complicadas, a ponto de perder a confiança nos pais e em si mesma, ao contemplar seu corpo sendo utilizado de maneiras muito além de nossa compreensão? Que falar de um pequeno ser, abandonado à própria sorte, sozinho e com medo? Você acha que a palavra “abuso” é muito pesada? Eu acho que não. As crianças não possuem nenhum tipo de controle sobre si mesmas. Elas estão neste mundo pelo ato de outros, e muitas dessas pessoas não se preocupam em cuidar delas e protegê-las, para que alcancem a maturidade e consigam cuidar de si próprias. Um grande número de pessoas sabe dos terríveis problemas que afligirão uma criança no futuro, por aquilo que tenha acontecido com ela no passado, mas outras não; e outro grande número de pessoas parece não querer se envolver, e desse modo, seres tão inocentes perdem a chance de ter uma vida digna. Os abusos físicos incluem comportamentos como: palavrões, gritar com a criança, intimidá-la, rejeitá-la, usar de humor sarcástico, gozação, piadas sobre a criança, ridicularizá-la, colocar apelidos, usar

**Sinais dos Tempos**



seu corpo, olhares e palavras com indiferença, estabelecer competição com a certeza de que a criança vai perder, fazer cócegas até que a criança fique sem fôlego, e mesmo dizendo “pare”, o outro continua com a ação (talvez você não imaginasse que isso seja abuso, isto é, você está colocando a criança numa posição em que ela não têm condições de reagir em defesa própria). Tudo isso é abuso.

E as crianças que são abandonadas? Essa é outra forma de abuso que, além dos maus-tratos, deixa a criança em completo abandono e, à medida que ela cresce, também aumenta um imenso vazio em seu coração. A criança passa a imaginar que ela não é importante para seus pais, que ela não tem graça, como as outras crianças, que não possui nenhum valor para a sociedade, e muito menos para Deus. Tal negligência pode levar uma criança a ser vítima dos maiores vícios destrutivos, tais como droga, álcool, etc.

O Dr. Don Weatherburn, diretor da Unidade de Estatísticas Sobre Crime, nos EUA, disse o seguinte: “As crianças não nascem boas e com excelentes motivações. O impulso natural para conseguir o que elas desejam é adquirido e não herdado. A preocupação pelos outros e pela propriedade dos outros é adquirida, e não herdada. Se a criança não possui uma forte conexão com os pais, e se eles não a supervisionam de perto, ela não conseguirá entender o valor e respeito pelas outras pessoas.”

Identificar os comportamentos abusivos não é muito difícil, porque são atos provocados por alguém, e as marcas, na sua maioria são visíveis. Por outro lado, a negligência é muito difícil de ser reconhecida, porque tem que ver com palavras e ações que deveriam ter tido lugar, mas não aconteceram. Então, o problema não é tanto pelo que se fez, mas por aquilo que não foi feito.

As Escrituras nos ensinam: “Então, lھے trouxeram algumas crianças para que Ele as tocasse, mas os discípulos os *repreendiam*. Jesus, porém, vendo isto *indignou-Se* e disse-lhes: Deixai vir a Mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Quem não receber o Reino de Deus como criança, de maneira nenhuma entrará nele.” Marcos 10:13-16 (grifos nossos).

Jesus Se preocupou com as crianças, talvez o grupo mais vulnerável que temos no mundo. Os discípulos “rejeitaram” as pessoas que traziam as crianças a Cristo. O que significa essa atitude, e por que fizeram isso?

Na verdade, os discípulos achavam que estavam ajudando Jesus a manter longe dEle qualquer coisa que representasse “barulho”. Infelizmente, ainda hoje, muitos estão prontos a colocar as crianças em tal categoria. “Elas são apenas barulho.” Faz pouco tempo, ouvimos através dos noticiários sobre os seqüestradores que mataram um refém, uma criança, pelo simples fato de que ela “chorava demais” e eles não agüentaram o choro dela.

Mas quando Jesus percebeu o que estava acontecendo na mente dos discípulos, ficou irado. A palavra usada aqui é “indignado”. É óbvio que Ele deveria ficar indignado com tal comportamento. E você, como se sente ao imaginar Jesus, o amorável Salvador, ficando indignado?

Quando Jesus foi ao Templo e viu o tipo de comércio que estava sendo desenvolvido ali, ficou indignado com aquele comércio sujo, nas escadas do Templo. O local que deveria estar separado para as atividades sagradas, havia sido transformado em comércio. Aqueles “religiosos” mereceram, com certeza, a raiva de Jesus.

Mas, em nosso texto, percebemos Jesus com “raiva” dos discípulos apenas pelo fato de que eles



reprenderam as pessoas que traziam as crianças a Seus pés. Portanto, Jesus chamou a atenção dos discípulos por reprenderem as pessoas. Ordenou-lhes também que não impedissem as crianças de se aproximarem dEle.

Somos diferentes em nossos dias? Será que não estamos também “proibindo” as crianças ou tolhendo-as de crescer com uma auto-estima capaz de ajudá-las a alcançar sucesso na vida? Sem a auto-valorização, a criança se sente incapaz de gostar de si mesma, dos pais e até mesmo do próprio Deus. Sem essa força no coração e na mente, a criança não tem condições nem mesmo de avaliar o “muito amor” que os pais estão dando a ela, nem mesmo a ele corresponder.

Outra passagem bíblica nos diz o seguinte: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer, não se desviará dele.” Provérbios 22:6.

Educar uma criança no caminho em que ela deve andar é fazer com que ela se sinta digna de sucesso e felicidade na vida. Os pais que rebaixam os sentimentos de dignidade de uma criança fazem com que ela perca o desejo natural em seu coração por melhores alvos na vida. Foge o brilho dos seus olhinhos, quando ela ouve palavras tais como: “você é burra, você é chata, você não entende nada”. Outros chegam a dizer: “você me envergonha”.

Esses sentimentos negativos começam na infância e se arrastam pelo resto da vida. Quando uma criança apaga a vela do seu primeiro aniversário, já pode sentir os efeitos de estar sendo amada ou maltratada.

Os amiguinhos na escola também não poupam os rebaixamentos, especialmente porque não

compreendem nada sobre abuso ou maus-tratos, mas compreenderiam, se os pais os educassem em casa. A esse comportamento dá-se o nome de *bullying*, que consiste em as crianças apelidarem constantemente seus colegas, fazendo gozações e piadas sobre tudo: magreza, obesidade, cor da pele, tipo de cabelo, tamanho dos pés, da cabeça, etc. Tudo isso faz com que a criança se sinta rebaixada, tornando-se motivo de gozação e risadas. Em seu interior se desenvolve um forte sentimento de inferioridade, e de que nunca vai conseguir algo na vida, nem mesmo passar de ano na escola.

Esses sentimentos de inadequação são repassados para a educação dos próprios filhos, para a família e para o ambiente de trabalho.

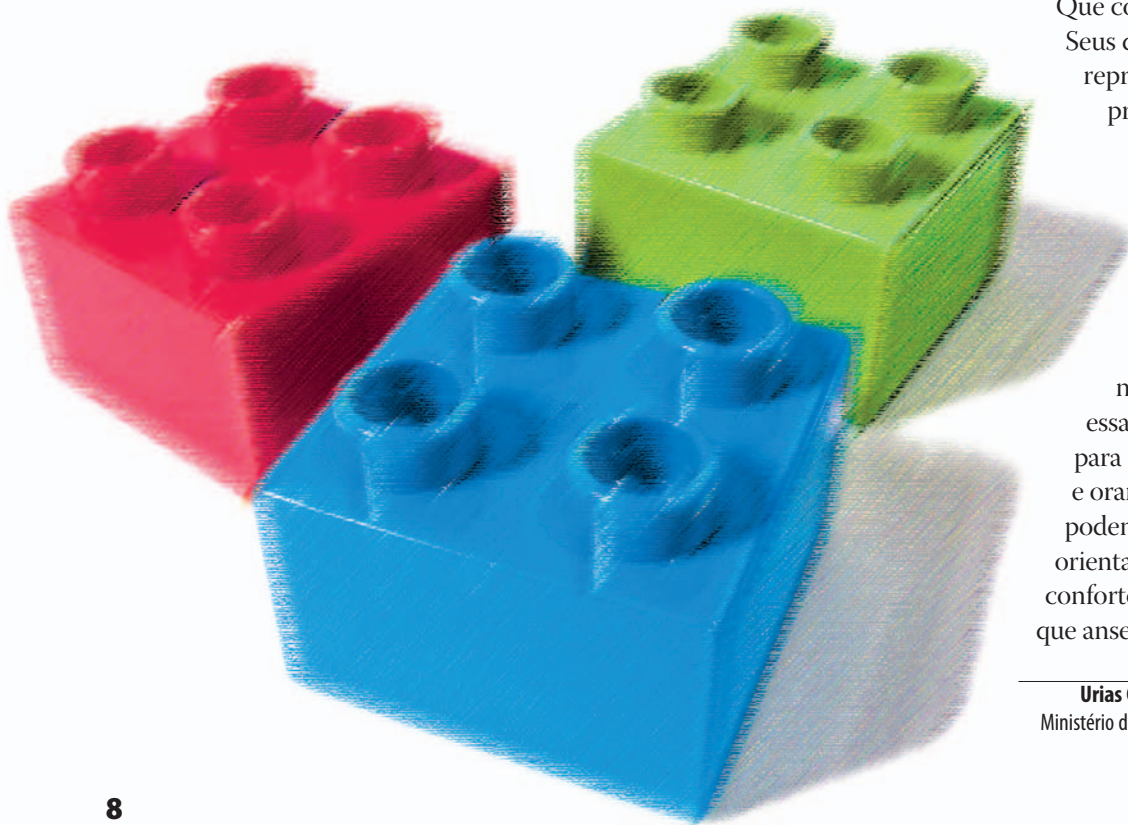
Como é possível que isso aconteça? Isso ocorre com frequência, quando não prestamos atenção às crianças como deveríamos. Pensamos exatamente como os primeiros discípulos: as crianças não são importantes para Cristo. Deixamos de prover oportunidades para que elas tenham uma excelente educação e companheirismo. Colocamos problemas irrealis e pesados diante delas, para que os resolvam. Estabelecemos expectativas não apropriadas para sua idade e seu crescimento. Cortamos sua vontade de comunicar-se conosco, dizendo-lhes que não é hora de criança falar. Agimos de uma forma na igreja, e completamente diferente quando estamos fora dela.

Precisamos compreender que existem milhões que querem conhecer a Jesus, e não podemos proibi-los – especialmente as crianças!

Que contraste entre Jesus e Seus discípulos! Eles reprendiam os pais e proibiam as crianças de ir com Ele. Jesus, contudo, as recebeu, tomou-as em Seus braços e as abençoou.

Creio que nós também podemos usar nossos braços para abraçar essas crianças e usar palavras para abençoá-las, encorajá-las e orar com elas. E ainda: podemos prover treinamento, orientação, compreensão e conforto para muitas crianças que anseiam conhecer a Jesus. ❖

**Urias Chagas** é diretor do departamento do Ministério da Família da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.





# Quem ama protege

## O amor é paciente

As pessoas amorosas se lembram de que uma vez foram pequenas e que as crianças se desenvolvem em ritmos diferentes. Essas pessoas permitem que as crianças cresçam e aprendam em seu próprio ritmo. Também as protegem para que não sejam agredidas pelo mundo adulto, quase sempre violento e sensual, e preservam sua inocência.

## O amor é bondoso

As pessoas amorosas tratam as crianças com brandura. Cuidam de suas necessidades físicas de alimento, água, exercício, calor, abrigo e segurança. Cuidam de suas necessidades emocionais ao incentivá-las, manifestar apreciação por elas, apoiá-las, confortá-las, aceitá-las, demonstrar-lhes afeição e respeito. Cuidam de suas necessidades espirituais mostrando-lhes um quadro verdadeiro de amor, de perdão e compaixão. As pessoas amorosas falam e agem com amabilidade no tocante às crianças.

## O amor é humilde

As pessoas amorosas honram as crianças acima de si mesmas e tratam-nas com respeito, como príncipes e princesas do Reino de Deus.

## O amor é cortês

As pessoas amorosas respeitam as crianças e não as de tratam nem rebaixam. Proferem apenas palavras que as edificam e animam.

## O amor é generoso e altruísta

As pessoas amorosas não usam as crianças para proveito pessoal físico, sexual ou emocional. Fazem o que é melhor para elas e estão dispostas a fazer sacrifícios em favor delas.

## O amor tem prazer na verdade

As pessoas amorosas tratam as crianças de forma a deixá-las felizes e seguras de manifestar essa alegria aos outros. Elas não têm segredos vergonhosos, ou não precisam mentir a respeito da forma com que tratam as crianças.

## O amor sempre protege

As pessoas amorosas não fazem nada que prejudique o corpo da criança ou seu bem-estar emocional. Não usam de punição ou violência física, não proferem palavras rudes ou gritos, não usam de crueldade ou de manipulações.

## O amor sempre confia

As pessoas amorosas crêem no que as crianças lhes dizem, mesmo quando as experiências que relatam pareçam chocantes. Aceitam o que elas dizem e buscam ajudá-las a encontrar proteção e segurança, ainda que isso implique afastá-las da família.

## O amor nunca falha

As pessoas amorosas nunca entristecem as crianças traindo-lhes a confiança, ou deixando de protegê-las contra danos emocionais, espirituais, sexuais ou físicos. ❖



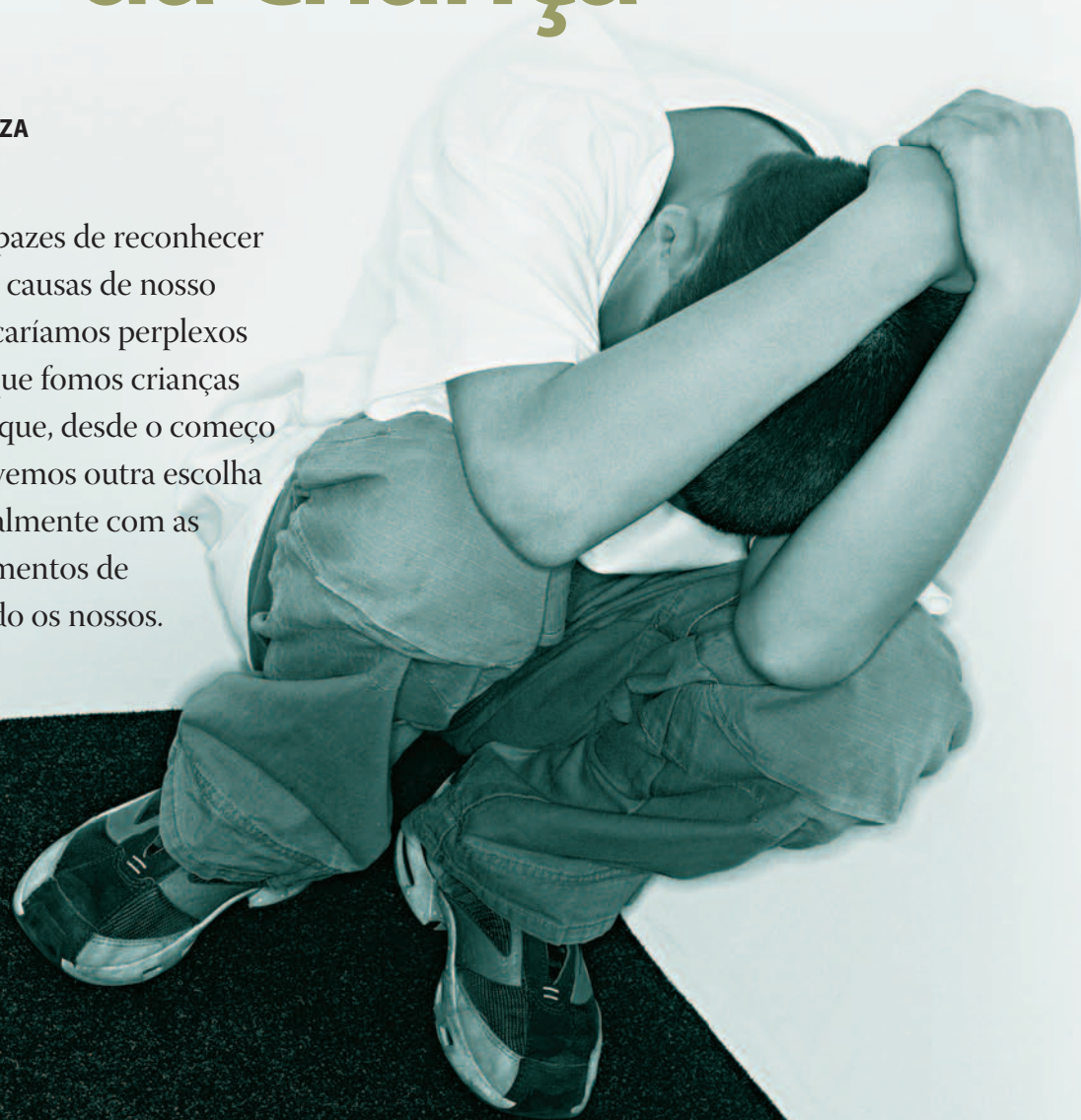


# Abuso infantil

## “assassinato da alma” da criança

por MARLI OLINA DE SOUZA

**S**e fôssemos capazes de reconhecer as verdadeiras causas de nosso sofrimento, ficaríamos perplexos ao descobrir que fomos crianças maltratadas e que, desde o começo de nossa vida, não tivemos outra escolha senão concordar totalmente com as necessidades e sentimentos de nossos pais, ignorando os nossos.





A criança nasce indefesa, precisa de cuidados constantes e de exclusividade. Ela deve ter a certeza de que será protegida em toda situação, de que seu nascimento foi esperado e desejado, de que seu choro será ouvido, de que o movimento de seus olhos será respondido e seus medos acalmados; de que sua sede e fome serão satisfeitas; de que seu corpo será amado e sua angústia jamais ignorada. Muitos autores dizem, e nossa prática confirma: “A forma como o ser humano executa sua função parental depende de como foi tratado na sua própria infância.”

Uma criança maltratada, rejeitada, abusada e abandonada está completamente só na escuridão do medo e da confusão. Submetida à arrogância, humilhação e rejeição, ela fica “cega” e exposta ao poder ignorante dos adultos. Sente-se desorientada e completamente indefesa.

Quem nasce num ambiente frio e insensível, acredita que essa situação seja a única existente. A confiança no futuro baseia-se nas primeiras experiências do indivíduo. Nossa primeira visão de mundo é feita através dos olhos de uma criança pequena que permanece conosco durante toda a vida. Por mais adultos e poderosos que possamos parecer, ainda conservamos o desejo de ser cuidados, amados e querendo “colo”, como crianças que fomos.

Pais que jamais conheceram amor, vieram ao mundo com indiferença, insensibilidade e frieza. Omitem-se frente à infância e adolescência que tiveram, não tendo capacidade de transmitir amor. Como podem amar se não sabem o que isso significa e como fazê-lo? Infelizmente, seus filhos sobreviverão e, assim como os pais, também não se lembrarão das torturas a que foram submetidos, porque todas elas tiveram que ser reprimidas.

Construímos grandes muralhas que nos protegem de eventos dolorosos, pelo fato de não termos aprendido a viver com esses acontecimentos. Mas, por trás dessas muralhas, permanece a história da infância, da criança negligenciada e, para não nos depararmos novamente com a dor do passado, vivemos a ilusão de um presente aparentemente “calmo” e “harmonioso”.

Na verdade, o ser humano teme reviver o passado, mas ao mesmo tempo não foi preparado para esquecê-lo (banir da consciência suas repressões). Logo que se tornarem adultas, essas crianças feridas estarão na posição de revidar as impunidades a que foram submetidas: antes, vítimas; agora, agressores. O preço da repressão é alto, muito alto.

Para essas famílias, poderá ser muito natural não possuírem espaço físico ou emocional preservado. Estão desvinculadas dos valores sociais, sem um elo estruturante.

**Papéis familiares** – Outra categoria importante são os papéis familiares. Para vários autores, o que determina, ou não, a saúde emocional na família é o que seus membros desempenham no cumprimento das funções familiares essenciais, relacionadas aos papéis de marido, mulher, pais, mãe, filho, filha, irmão e irmã.

A família é facilitadora de saúde emocional, na medida em que cada membro conhece e desempenha seu papel específico. Os papéis estão presentes quando os subsistemas familiares – conjugal, parental e filial - têm limites claros dentro do sistema familiar mais amplo. Os papéis são definidos quando fica explícita, para a família, a função de cada membro, de acordo com sua posição no grupo familiar. Os papéis são adequados quando, no grupo familiar, cada membro se comporta tendo em vista a definição de suas funções específicas.

Os papéis são flexíveis quando permitem que os membros da família assumam outras funções no funcionamento familiar, diferentes daquelas relativas ao papel específico de cada um, quando isto se faz necessário.

A família facilita o crescimento de seus membros quando cada membro assume papéis definidos e adequados, mas sem estereotipia e rigidez. Portanto, a família tem a responsabilidade de oferecer um espaço seguro ao filho infante, mas nem todas as famílias conseguem essa façanha. Em nossa pesquisa, consideramos o abuso infantil um “assassinato da alma” da criança.

Gostaria de ressaltar que as pesquisas efetuadas por outros pensadores e por mim na área do abuso sexual, são retrospectivas, tendo sido colocadas como ponto principal a questão do silêncio e a revelação dos fatos. O fato de se favorecer a revelação do abuso pode propiciar crédito à palavra da criança, implicando cuidados sociais, psicológicos e médicos. Também contribui para apontar o autor como culpado e responsável, retirando a criança desse silêncio. Muitas vezes, precisamos emprestar a voz para que essas crianças sejam ouvidas. Isso terá o efeito terapêutico de eliminar a culpa e reabilitar a vítima. O silêncio é tóxico para os pequenos. Às vezes, em curto prazo, mas, normalmente só em longo prazo podemos avaliar o impacto e as conseqüências afetivas do trauma sofrido.

Palavras de uma mulher que foi abusada na adolescência:

“Eu sabia que não devia; no entanto, não me movia, estava paralisada. Tornei-me uma estátua de pedra. Deixara meu corpo. Deixara para ele apenas meu corpo vazio. Fugira para outro lugar. A culpa tinha me apanhado, invadindo-me por inteiro. Se minha mãe ficasse sabendo! Havia usurpado o lugar dela. Era

preciso esconder essa vergonha, camuflá-la, enfiá-la bem no fundo de mim mesma, fingir, tornar a vestir depressa minhas roupas de mocinha bem comportada. Reassumir depressa meu papel de mais velha. Minha mãe ia voltar: depressa fazer as camas, refazer o leito conjugal, o leito onde eu nascera, o leito onde vivera aquela coisa imunda. Depressa esconder tudo, minha mãe ia chegar. Depressa recolocar a máscara de filha, capaz de assumir o papel de mãe junto aos irmãos e irmãs.”

O abusador, sendo pai ou outro indivíduo, mata o eu na criança que se tornará mulher. A pessoa que foi abusada viverá com a impossibilidade de dizer “eu” diante de um homem que a deseja. Pode se paralisar, não contando nem mesmo com a fuga para se defender. Fica dominada pelo desejo do outro. Então, algumas vezes, para dar a si mesma a ilusão de dizer “eu”, pode se oferecer, dando a impressão de que é dona do seu nariz. Isso é uma mentira, pois a mulher perde seus pontos de referência entre verdade e mentira, diante do homem.

Ela é, então, o objeto deles, e a armadilha é o amor, a

ternura. Seu pai ou a pessoa em quem a criança confia lhe preparou essa armadilha, já há muito tempo. Toda aquela ternura tão boa e tão doce que recebera *dele*, quando criança, não foi justamente para levá-la até lá, para ser a sua boneca numa cama, numa noite? Como saber a verdade dos sentimentos do homem? Como ter confiança daí em diante?

**Conseqüências do abuso infantil** – São várias as conseqüências, mas penso ser muito importante apresentar o sentimento e a conduta de uma outra mulher abusada por seu pai, na infância.

“Fui atraída por um homem especial. Dizíamos um ao outro palavras amorosas, saíamos juntos. Tinha sido apresentada à família dele e acolhida por ela. Íamos, de fato, ficar noivos. Quando vi o anel de noivado, fugi do perigo. Não podia ainda enfrentar o casamento, a noite de núpcias. Rompi com ele brutalmente. Ele ficou muito infeliz, não compreendia nada. Ninguém compreendia minha atitude estranha. Eu não podia contar, não podia explicar nada. Já não o amava, essa foi a única explicação.





“Precisava mentir para defender meu segredo. Aquele moço era sério, honesto, como também era a sua família. Senti-me suja, envergonhada e impura. Não tinha o direito de usar um vestido branco. Meu pai tinha me deixado suja, manchada para sempre.

“Era uma mulher maldita. Se dissesse a verdade, os amigos fugiriam...; estaria perdida. Fingia ser como as outras moças de vinte, vinte e dois, vinte e quatro anos, porque sabia que estava condenada.”

**Considerações finais** – Gostaria de finalizar essas reflexões sobre a família e o lugar que ela ocupa na vida da criança, dos filhos e da sociedade dizendo: A palavra *amordaçada* pode ser muito dura para se ouvir, para se ler, para se dizer. Talvez não exista palavra para se dizer isso. A violação por um pai, por um adulto, isso não existe nunca, não é possível. Foi ela quem o seduziu. O pai, os pais não podem “pecar” dessa maneira, é odioso demais. É demais! Então, isso não se diz.

O pai é a lei! O pai é a salvaguarda da moral. O pai é a família, o pai é o sagrado, não se toca nele. É um pilar da sociedade. Se você tocar nele, tudo vai desmoronar, todos os valores: trabalho, família, pátria.

Então, a criança ou o adolescente fica amordaçado com sua verdade. Seus gritos voltam para dentro da garganta, do estômago, do ventre. Seu corpo se abre numa enorme caverna, na qual os gritos ecoam. Seus gritos abafados se chocam contra as paredes do seu ventre, fazendo-a berrar de dor.

Uma das hipóteses da minha pesquisa é o fato de as mulheres que foram abusadas na infância terem seus órgãos do prazer prejudicados e ainda levarem para o casamento as consequências de “sua convivência” com o abuso. Por meio do relato delas, constatamos que a paralisia sofrida em tenra idade e o fato de não conseguirem dizer *EU* induziram o corpo a falar somatizando. Esse foi o resultado apresentado por 86% das mulheres pesquisadas.

Caro leitor, vamos prevenir abusos sexuais emprestando nossa voz aos que não podem se fazer ouvir. Prevenir é curar. As crianças não podem ficar com a idéia de que devem fazer tudo o que os adultos esperam que elas façam. A melhor prevenção é desenvolver a

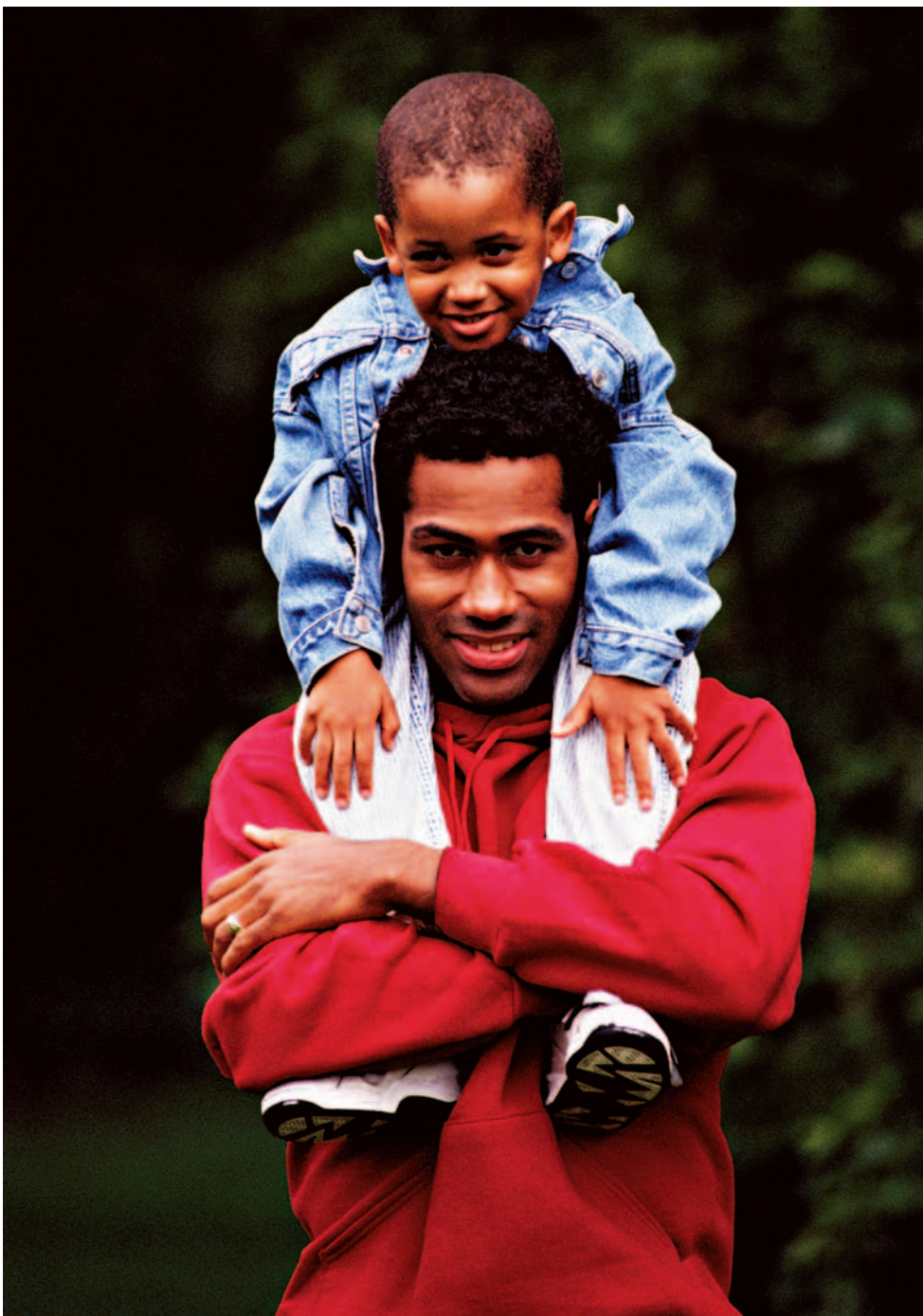
**Quebrando o Silêncio**

confiança entre filhos e pais. Deve-se ensinar as crianças a dizerem *NÃO*, com firmeza, ao serem tocadas indevidamente. Deve-se esclarecer que só há duas razões para serem tocadas: por higiene e por saúde. Deve-se ensinar que a sexualidade não é feia, devendo ser abordada com seus pais sempre que houver alguma dúvida. Qualquer sentimento sobre esse aspecto não precisa ser um segredo.

Crianças raramente mentem quando comentam algo sobre abuso. Portanto, acreditem nelas. Com a quebra do silêncio, estaremos quebrando também a cadeia de abuso desenvolvida por sucessivas gerações. ❖

---

A doutora **Marli Olina de Souza** é assistente social, psicóloga, terapeuta familiar e sexóloga. Com mestrado pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, RS, é coordenadora do Centro de Ensino e Atendimento Familiar de Porto Alegre.





# Respeito por todas

**Declaração votada pela Comissão Diretiva dos Adventistas do Sétimo Dia da Associação Geral (ADCOM), em 5 julho de 2005, durante a Assembléia da Associação Geral realizada em St. Louis, Missouri, EUA.**

A Igreja Adventista do Sétimo Dia afirma a dignidade e o valor de cada ser humano como obra do Criador e o foco da ação redentora de Deus em Jesus Cristo. As Escrituras indicam claramente a marca distintiva dos crentes cristãos como a qualidade de seus relacionamentos humanos. É no Espírito de Cristo que é possível amar, buscar afirmar e capacitar um ao outro e proteger o vulnerável e o desvalido.

Assim sendo, os adventistas do sétimo dia, como cristãos, buscam viver pelos mais elevados princípios de conduta moral e ética nos relacionamentos com seus semelhantes. Unimo-nos a outros líderes religiosos e comunidades que censuram todas as formas de abuso sexual e de violência na família, como também o tráfico e a exploração de mulheres e crianças, independentemente de sexo, idade, etnia, posição sócio-econômica e de saúde. Cremos que, se permanecermos indiferentes e inativos, estaremos, de fato, fechando os olhos, perpetuando e ampliando potencialmente tal comportamento.

As declarações das posições mantidas há muito tempo pelos adventistas denunciando o abuso sexual infantil e a violência na família e oferecendo diretrizes práticas para uma resposta apropriada e atenciosa da igreja, têm servido de modelo para outras comunidades religiosas com o propósito de quebrar o silêncio e responder, de forma apropriada e compassiva, às pessoas que passam por essa experiência devastadora.

Muitos materiais foram preparados por profissionais adventistas e partilhados em redes governamentais e de outras confissões religiosas, a fim de instruir pastores, professores e líderes, na igreja e na comunidade, com respeito à natureza do problema e de como ajudar os indivíduos e as famílias a terem acesso à rede de serviços sociais e profissionais que melhor possam responder às suas necessidades específicas.

As igrejas adventistas do sétimo dia dedicam um dia a cada ano, no sábado, para seguir quebrando o silêncio sobre essas questões e aumentando a eficiência da Igreja na proteção das pessoas vulneráveis, ao investir na prevenção.

**Sinais dos Tempos**





# as pessoas

Os adventistas do sétimo dia assumem seriamente sua responsabilidade de ajudar a tornar a igreja e a comunidade um lugar seguro para as crianças. Uma declaração forte quanto à posição do bem-estar e do valor das crianças foi publicada em 2000, enumerando os direitos das crianças e os muitos desafios enfrentados pelas famílias e pelas comunidades sob seus cuidados. Regulamentos rígidos de proteção à criança têm sido elaborados na Igreja Adventista do Sétimo Dia e sua rede de escolas em diferentes partes do mundo. Esses regulamentos podem prover um modelo para o desenvolvimento de diretrizes em outros lugares com respeito à avaliação de voluntários e de medidas apropriadas para assegurar que os ofensores sejam revelados e removidos de posições que coloquem as crianças em risco. Contudo, tais regulamentos somente terão valor se forem implementados. Os adventistas do sétimo dia estão envolvidos de forma prática, entre outras, na criação de orfanatos. Estamos também engajados nas atividades comunitárias de combater ao abuso.

Além de falar contra as violações da dignidade humana, os adventistas do sétimo dia estão comprometidos em desenvolver em cada pessoa o seu mais pleno potencial. A Igreja administra um sistema educacional global. A Agência Adventista de

Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA) provê serviços de desenvolvimento a uma diversidade de famílias e de comunidades, incluindo microempréstimos, segurança alimentar e água potável, cursos de alfabetização, orientação sobre o HIV/AIDS e resposta em casos de catástrofe. São oferecidos programas de treinamento da liderança nas igrejas adventistas, no mundo inteiro, em muitas áreas do ministério e do serviço comunitário, como por exemplo, educação para a vida familiar, educação sobre saúde, ministérios às mulheres e às crianças, etc. Os adventistas do sétimo dia consideram esse trabalho uma extensão do ministério de Cristo e consideram ser privilégio unir esforços com outros grupos para prestarem ajuda a todos os seres humanos com quem convivem nesta aldeia global. ❖



## Ajude as crianças a se protegerem

- ◆ Ensine às crianças que elas são especiais e que ninguém tem o direito de feri-las.
- ◆ Ensine-as a confiar e agir no caso de algum sentimento de temor ou desconforto – elas não devem ignorar esses sentimentos.
- ◆ Ensine as crianças a:
  - a) Dizer NÃO, sempre, e também a gritar NÃO!
  - b) A correr e a procurar alguém de confiança, caso não se sintam seguras com alguém.
  - c) Sempre pedir para a pessoa parar.
  - d) Sempre contar a alguém, até que se sintam seguras.
- ◆ Informe a criança a respeito de alguém com quem possa conversar no caso de ter temores ou problemas específicos. Você pode até escrever alguns nomes de confiança em seu caderno, em caso de emergência.

- ◆ Sempre que possível, assegurar-se de que cada criança tenha acesso a um número de telefone de ajuda. Muitas cidades têm um número de telefone para denúncia de maus-tratos. Pode-se produzir cartazes com tais informações e distribuí-los em lugares públicos.
- ◆ Ensine-as a escolher três adultos em quem possam confiar e de quem possam buscar ajuda.

# Violência contra crianças


por BEATRIZ B. DE CALAFIORE

**A** violência implica o uso da força – psicológica, física ou econômica – para produzir um dano, e manifesta-se como forma patológica de exercício do poder.

A violência é um fenômeno que se aprende como modo de reação, como forma de resolução de conflitos e até como maneira de se comunicar, manifestando-se em todo tipo de vínculos.

No contexto familiar, é chamada também violência doméstica, e se manifesta por meio de ações ou omissões de um ou mais membros que subestimam a integridade física, psíquica ou a liberdade do outro, e que produzem danos expressivos.

Levando em conta estas idéias, considera-se maus-tratos contra crianças todas as ações ou omissões que ocasionem dificuldades no desenvolvimento físico, psíquico ou social. Uma criança – menor de 18 anos – é maltratada ou agredida quando sua saúde física, psíquica ou sua segurança está em perigo, seja porque se faça ou se deixe de fazer algo. Essas ações podem ser realizadas pela mãe ou pelo pai, ou demais adultos responsáveis pelo cuidado dos menores.



**O que a induz  
e como  
enfrentar  
o problema**



A criança é o ser mais frágil entre os indivíduos que vivem em sociedade. Ela tem uma relação de dependência com o adulto que a faz muito suscetível de ser dominada, submetida, tendo que aceitar situações sem poder se distanciar nem impor limites a tempo.

As situações de violência podem ser vividas em qualquer família de diferentes classes sociais, econômicas ou políticas, de dentro ou de fora de nossa igreja, em países do primeiro mundo, em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

As estatísticas assustam. A UNICEF estima que 70% das crianças e adolescentes recebem maus-tratos físicos dentro de seu núcleo familiar, e que a maior porcentagem se encontra entre crianças menores de três anos, e até em bebês, por chorar ou se recusar a tomar mamadeira.

Os tipos mais comuns de maus-tratos a crianças são: físicos, abuso emocional ou sexual, abandono físico ou emocional, negligência nos cuidados e ter que testemunhar atos violentos.

**Violência física** – Trata-se de uma forma evidente de maus-tratos. Consiste em agressão física que deixa marcas visíveis no corpo da criança. Esse tipo de violência pode ser efetuado pelo adulto, diretamente, ou com um objeto, como por exemplo, metais quentes, objetos pontiagudos, chicotes, cintas, fios de metal, paus, água fervente, etc. O abuso físico ocorre mediante qualquer trauma, lesão ou ação não acidental por parte de um adulto, que provoque lesão física ou doença ao menor, ou que o coloque em grave risco de sofrê-las como consequência de alguma negligência intencional. Pode-se tratar de queimaduras, contusões, hematomas, mordidas, entorses, deslocamento de extremidades, cortes, espetadas, lesões internas, asfixia, etc. É importante saber que nem sempre esse tipo de violência deixa marcas. Frequentemente, representa castigo corporal severo ou injustificado, que ocorre, em geral, quando o adulto se sente frustrado, furioso e bate na criança ou a empurra violentamente. O dano pode decorrer de um só episódio ou de vários, de magnitudes e características variáveis.

Na maioria dos casos, a violência física não é um mero ato físico para com a criança, mas um padrão estabelecido de comportamento, um estilo que o adulto demonstra para castigar ou disciplinar a criança. Quanto mais tempo durar essa situação, mais sérios serão os golpes que a criança receberá e mais difícil será eliminar a conduta abusiva do maior.

**Negligência** – Neste tipo de ocorrência, as necessidades básicas do menor não são atendidas adequadamente por nenhum adulto do grupo familiar ou de convivência. A negligência consiste em faltar aos deveres de prover adequadamente o abrigo, a alimentação, vestuário,

educação, orientação, cuidados médicos, comunicação; não considerar suas necessidades evolutivas, com falta de estímulos cognitivos ou quaisquer outras necessidades básicas para o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais ou emocionais de uma criança. No caso extremo está o abandono físico e/ou emocional.

A negligência dos pais pode estar associada a ignorância, déficits sócio-econômicos estruturais e, também, a atitudes intencionais combinadas com os demais fatores.

**Violência emocional** – Tem que ver com a violência verbal habitual a uma criança por meio de insulto, crítica, ameaça, humilhação, menosprezo, descrédito e zombaria. Também abrange o isolamento – seja evitando a criança ou prendendo-a à indiferença e à rejeição implícita ou explícita. Além disso, inclui-se como maus-tratos ou violência emocional a ameaça que possa causar comprometimento no desenvolvimento social, emocional ou intelectual da criança e o constante bloqueio das iniciativas de interação da criança com o adulto. É importante reconhecer que pode existir violência emocional ou psicológica sem violência física, mas na ocorrência desta, sempre há violência emocional. Portanto, neste caso, fala-se em maus-tratos mistos.

As agressões verbais reiteradas de desprezo ou insultos, com palavras grosseiras, vão provocando uma baixa na auto-estima e perturbações na personalidade, como timidez, agressividade, mau humor, problemas de conduta, alterações escolares, etc., que a criança vai manifestando em seu meio ambiente mais próximo, como o lar, a escola, a igreja ou com os amigos.

No extremo da violência emocional está o abandono emocional, que consiste na falta persistente de resposta às expressões emocionais e condutas que busquem uma aproximação por parte da criança, e à falta de iniciativa de interação e contato por parte de uma figura adulta estável.

**Abuso sexual** – É a utilização de uma criança para experimentar prazer ou satisfação sexual. Inclui qualquer tipo de prazer sexual de um adulto com uma criança, não sendo necessário haver contato físico. Basta a utilização de uma criança como objeto de estímulo à satisfação sexual. Noventa por cento dos abusadores sexuais adultos são masculinos e mais de 80% são pessoas conhecidas da criança. Por isso, é habitual que este problema ocorra dentro do âmbito familiar ou de amizades próximas.

Inclui o incesto, a violação, penetração oral, anal ou vaginal, o assédio, o contato corporal, as carícias ou toques inadequados, a estimulação verbal e visual impróprias, fotografar ou mostrar fotografias pornográficas, ou obrigar a criança a presenciar atos sexuais adultos, exibir-se nu diante do menor com a

finalidade de excitar-se, ou, com o mesmo fim, fazer com que a criança o observe ao se vestir ou se desvestir quando estiver no banheiro.

Carol Carrel menciona seis etapas de interação abusiva:

1. Aproximação: mediante uma relação especial, presentes ou passar tempo a sós. Os abusadores são pessoas muito hábeis para tratar com as crianças.
2. Sensações físicas especiais: abraços prolongados, beijos e carícias íntimas, masturbação.
3. Segredos: os abusadores utilizam subornos, ameaças, acusações e tortura.
4. Atividade sexual: costuma começar com nudez ou imagens pornográficas, podendo haver contato físico ou não.
5. Revelação: a criança não entende o que acontece. Sente-se culpada por não haver falado no princípio e, finalmente, conta a um terceiro o que está acontecendo.
6. Repressão: por medo das conseqüências, a criança se arrepende de haver falado. Necessita de segurança física e emocional, já que é um momento muito traumático.

Ainda que seja difícil falar de prevenção nesses casos, é importante insistir nela, através da educação familiar cotidiana. Deve-se falar claramente com a criança sobre os temas de sexualidade, sem tabus nem preconceitos. É necessário escutar suas dúvidas e responder às suas perguntas com simplicidade e serenidade. Entre outras coisas, deve-se instruir a criança para que aprenda a:

- a. Evitar situações de risco, tais como oferecimentos de ajuda, convites, presentes ou propostas secretas da parte de desconhecidos.
- b. Ser respeitoso com seu corpo, mantendo limites e intimidade apropriados.
- c. Confiar nos pais e desenvolver boa comunicação com eles.
- d. Reconhecer a diferença entre expressão de carinho e carícia sexual; entre toques bons e os maus e secretos.
- e. Dizer não, sem ter que depender dos adultos para decidir ou atuar em todo momento.

“E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos [que creem em Mim] melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar.” Mar. 9:42.

**Testemunhas de violência** – Crianças também podem ser afetadas por situações de violência física, verbal ou psicológica crônica que presenciam entre seus pais ou adultos com os quais convivem. As conseqüências e os transtornos que se observam nestes menores são similares aos que mostram os que são vítimas diretas da violência.

## **Fatores que podem contribuir para a agressão infantil**

– Não há uma única razão que induza maus-tratos a uma criança, mas há múltiplas causas, manifestações e efeitos do fenômeno da violência. Quanto maior for a quantidade de fatores de risco, maior será a probabilidade de que se apresentem os maus-tratos.

Entre os fatores de risco que mais comumente se observam nos pais, estão os seguintes:

- a. Transtornos psicopatológicos.
- b. Pais que foram maltratados na infância.
- c. Pais que sofreram carência afetiva na infância.
- d. Relações conjugais violentas.
- e. Pais que carecem de educação quanto aos cuidados com as crianças.
- f. Pais que se preocupam excessivamente pelos aspectos da conduta e a obediência, em detrimento das necessidades exploratórias das crianças.
- g. Pais pouco dedicados aos filhos ou com excesso de vida social.
- h. Pais com baixa auto-estima.
- i. Pais impulsivos, que passam rapidamente à ação.
- j. Pais com diversos vícios.
- l. Pais com falta de empatia, pouca tolerância ao estresse e com estratégias de disciplina inadequadas.

As crianças também podem apresentar características favoráveis a maus-tratos contra elas. Pode haver maior probabilidade de maus-tratos para:

- a. Bebês prematuros – ou não – que choram incessantemente e são difíceis de consolar.
- b. Crianças com deficiências físicas ou psíquicas.
- c. Crianças com enfermidades freqüentes e severas.
- d. Crianças hiperativas e de temperamento difícil.
- e. Crianças retraídas.
- f. Crianças com problemas do sono ou da alimentação.
- g. Filhos indesejados ou de famílias numerosas.
- h. Menores de três anos.
- i. Filhos alheios criados por pais substitutos.

Entre os fatores de risco que ultrapassam o âmbito familiar, mas que a ele influenciam diretamente e pertencem ao sistema socioeconômico e cultural, podem-se mencionar:

- a. Excesso ou falta de trabalho.
- b. Insatisfação e tensões trabalhistas.
- c. Isolamento social.
- d. Apoio social insuficiente.
- e. Classe social do grupo familiar.
- f. Bairro, vizinhança e tipo de moradia.
- g. Promiscuidade e delinqüência.
- h. Crise econômica.
- i. Atitude equivocada da sociedade ante a violência e o castigo físico na disciplina.



j. Valores distorcidos quanto à infância, família, mulher, paternidade e maternidade.

Conseqüências dos maus-tratos a crianças:

- a. **Físicas:** má imagem de si mesma, auto-estima pobre, timidez, medo, comportamentos agitados, ansiedade, angústia, estresse, inadaptação, problemas de atenção e compreensão de instruções, tristeza, falta de motivação, comportamentos auto-destrutivos, agressividade, destrutividade, desvios sociais.
- b. **Emocionais:** medos, ansiedade crônica, baixa auto-estima, sentimentos de inferioridade, de inadequação, de insegurança, perceber o mundo como ameaçador, tristeza, frustração, dificuldades para desfrutar e sentir prazer, sentimentos de fracasso e vergonha frente às dificuldades de aprendizagem, depressão.
- c. **Negligência:** costuma ser acompanhada de maus-tratos físicos e da mensagem de que a criança não é digna de amor e de respeito, provocando baixa auto-estima, sentimentos de inferioridade, de inadequação, tristeza e ansiedade crônica. A criança estará mais propensa a evidenciar atraso no desenvolvimento cognitivo por falta de estímulo e por desqualificação permanente.
- d. **Testemunhas de violência:** as crianças podem apresentar sintomas similares aos outros tipos de maus-tratos.
- e. **Abuso sexual:** o contexto familiar torna-se inseguro, confuso, ameaçador. O abuso sexual altera as percepções da criança, suas emoções, sua imagem de si mesma e sua visão de suas próprias capacidades afetivas e do mundo familiar. Isto lhe produz estresse, angústia e perda de energia. Podem aparecer sintomas psicossomáticos, medos, fobias, terrores noturnos, incontinência urinária, amenorréia (ausência de fluxo menstrual), anorexia, vícios, agressividade e conduta auto-destrutiva. Nas reações emocionais, observam-se bloqueios, fugas, transtornos da identidade sexual, crises de ira, desinteresse, perda da curiosidade e distúrbios da memória, atenção e concentração, com quedas no rendimento escolar. Quanto ao sexo, podem apresentar conduta erotizada, sedução inapropriada, dificuldade na escolha de parceiro, masturbação precoce e exacerbada, promiscuidade e prostituição.

Em caso de situações em que se suspeite de abuso sexual, é importante considerar o seguinte:

- a. Escutar e levar a sério o que a criança diz. Animá-la e mostrar-lhe confiança, para que diga a verdade e fale com liberdade.
- b. Não julgá-la nem fazê-la se sentir culpada.
- c. Não levá-la a se sentir alarmada ou com vergonha.
- d. Não pressioná-la. É necessário apoiá-la e evitar perguntar-lhe muitos detalhes.
- e. Solicitar apoio profissional – médico, psicológico ou

**Quebrando o Silêncio**

especialista – para ajudar a criança e toda a família a tratar o problema. Preparar a criança para essa ajuda, para que possa contar o ocorrido a outros.

- f. Denunciar às autoridades o fato e a pessoa que abusou sexualmente da criança.

**O que podemos fazer** – Tanto de forma pessoal, como familiar e eclesial, podemos fazer muito para prevenir esse problema e, sendo detectado, ajudar a minimizar suas seqüelas.

A identificação e o tratamento a tempo são importantes para diminuir a longo prazo as conseqüências do abuso. Os profissionais da saúde de crianças e adolescentes podem realizar avaliação compreensiva e sugerir o tratamento para crianças que sofreram o abuso. Podem ajudar a família a aprender novas formas de se apoiar e se comunicar uns com os outros. Mediante um tratamento, a criança pode começar a recuperar seu sentido de confiança em si mesma e nos outros, e a família pode começar a aprender novas formas de se relacionar.

Como adultos e como igreja, funcionamos como um grupo de contensão social e espiritual para crianças e adolescentes. Não deveríamos permanecer neutros nem atuar com evasivas e alimentar a violência por meio de nossa debilidade, covardia ou silêncio. É preciso ousadia para atuar e falar, enfrentando a verdade com amor fraternal.

A fim de prevenir situações de maus-tratos, é preciso pensar em formas de compensação aos fatores de risco antes mencionados. Alguns meios de combatê-los podem ser:

- a. Em primeiro lugar, é necessário rever nossas próprias atitudes no controle da conduta das crianças e adolescentes, modelos estereotipados sobre criação dos filhos, e a aceitação da violência como forma de resolução de conflitos e disciplina.
- b. Devem-se elaborar as experiências de maus-tratos na própria infância.
- c. Desenvolver habilidades interpessoais saudáveis e talentos especiais, estimulando por todos os meios a confiança e a auto-estima das crianças.
- d. Procurar estabilidade afetiva e segurança econômica no casal que se dispõe a ter filhos.
- e. Ter uma afiliação religiosa.
- f. Promover normas opostas ao uso da violência, e um sentido de responsabilidade compartilhada no cuidado e educação das crianças.
- g. Organizar em nossas igrejas e escolas cursos e seminários sobre resolução de conflitos, comunicação familiar, disciplina e prevenção de abusos. ❖

---

Beatriz de Calafiore, argentina, é psicopedagoga e licenciada em Psicologia.

E-mail: beatrizcalafiore@ciudad.com.ar

# Abuso sexual

por GERALDO JOSÉ BALLONE

**S** seja qual for o número de abusos sexuais contra crianças divulgado pelas estatísticas, devemos ter em mente que esse número pode ser bem maior. A maioria desses casos não é relatada, uma vez que as crianças têm medo de dizer a alguém o que se passou com elas. E o dano emocional e psicológico decorrente dessas experiências pode ser devastador, a longo prazo.

O abuso sexual contra crianças pode ocorrer na família, através do pai, do padrasto, do irmão ou outro parente qualquer. Outras vezes, ocorre fora de casa, como por exemplo, na casa de um amigo da família, na casa da pessoa que toma conta da criança, na casa do vizinho, de um professor ou mesmo de um desconhecido.

Em tese, define-se abuso sexual como qualquer conduta sexual contra uma criança, levada a cabo por um adulto ou por outra criança mais velha. Isto pode significar, além da penetração vaginal ou anal na criança, tocar seus genitais ou fazer com que a criança toque os





# infantil

genitais do adulto ou de outra criança mais velha, ou o contacto oral-genital ou, ainda, roçar os genitais do adulto com a criança.

Às vezes, ocorrem outros tipos de abuso sexual que chamam menos a atenção, como por exemplo, mostrar os genitais de um adulto a uma criança, incitar a criança a ver revistas ou filmes pornográficos, ou utilizar a criança para elaborar material pornográfico ou obsceno.

**A criança abusada** – Devido ao fato de a criança muito nova não estar preparada psicologicamente para o estímulo sexual, e mesmo que não saiba da conotação ética e moral da atividade sexual, quase invariavelmente acaba desenvolvendo problemas emocionais depois da violência sexual, exatamente por não ter habilidade de agir diante desse tipo de estimulação.

A criança de 5 anos ou pouco mais, mesmo conhecendo e apreciando a pessoa que abusa dela, se sente profundamente conflitante entre a lealdade para com essa pessoa e a percepção de que essas atividades sexuais são imorais. Para aumentar ainda mais esse conflito, está sujeita a profunda sensação de solidão e abandono.

Quando os abusos sexuais ocorrem na família, a criança pode ter muito medo da ira do parente abusador, medo das possibilidades de vingança ou da vergonha dos outros membros da família ou, pior ainda, pode temer que a família se desintegre ao descobrir seu segredo.

A criança que é vítima de abuso sexual prolongado, desenvolve uma perda violenta da auto-estima, tem a sensação de que não vale nada e adquire uma representação anormal da sexualidade. A criança pode tornar-se muito retraída, perder a confiança em todos os adultos e pode até chegar a considerar o suicídio, principalmente quando existe a possibilidade de a pessoa que abusa dela ameaçar de violência, caso a criança não se submeta a seus desejos.

Algumas crianças abusadas sexualmente podem ter dificuldades para estabelecer relações harmônicas com outras pessoas, podem se

transformar em adultos que também abusam de outras crianças, podem se inclinar para a prostituição ou podem ter outros problemas sérios quando adultos.

Comumente, as crianças abusadas ficam confusas e temerosas de contar sobre o incidente. Com frequência, permanecem silenciosas por não desejarem prejudicar o abusador ou provocar uma desagregação familiar ou por receio de serem consideradas culpadas ou castigadas. Crianças maiores podem sentir-se envergonhadas com o incidente, principalmente se o abusador é alguém da família.

Mudanças bruscas no comportamento, apetite ou no sono podem ser um indício de que alguma coisa está acontecendo, principalmente se a criança se mostra isolada, muito perturbada quando deixada só ou quando o abusador está perto.

O comportamento das crianças abusadas sexualmente pode incluir:

1. Interesse excessivo ou evitação de natureza sexual.
2. Problemas com o sono ou pesadelos.
3. Depressão ou isolamento de seus amigos e da família.
4. Achar que têm o corpo sujo ou contaminado.
5. Medo de que haja algo de mal com seus genitais.
6. Negar-se a ir à escola.
7. Rebeldia e delinquência.
8. Agressividade excessiva.
9. Comportamento suicida.
10. Terror e medo de algumas pessoas ou alguns lugares.
11. Isolar-se ou não querer participar de esportes.
12. Respostas ilógicas (para-respostas) quando perguntamos sobre alguma ferida em seus genitais.
13. Temor irracional diante do exame físico.
14. Mudanças súbitas de conduta.

Algumas vezes, entretanto, crianças ou adolescentes portadores de Transtorno de Conduta severo fantasiam e criam falsas informações em relação ao abuso sexual.

**Quem é o agressor sexual** – Via de regra, quem abusa sexualmente de crianças são pessoas que a criança conhece e que, de alguma forma, podem controlá-la. De cada 10 casos registrados, em 8 o abusador é conhecido da vítima. Essa pessoa, em geral, é alguma figura de quem a criança gosta e em quem confia. Por isso, quase sempre acaba convencendo a criança a participar desse tipo de atos por meio de persuasão, recompensa ou ameaça.

Mas, quando o perigo não está dentro de casa, nem na casa do amiguinho, ele pode rondar a creche, o

transporte escolar, as aulas de natação do clube, o consultório do pediatra de confiança e, quase impossível acreditar, pode estar nas aulas de catecismo da paróquia. Portanto, o mais sensato será acreditar que não há lugar absolutamente seguro contra o abuso sexual infantil.

Segundo a Dra. Miriam Tetelbom, o incesto pode ocorrer em até 10% das famílias. Os adultos conhecidos e familiares próximos como, por exemplo, o pai, padrasto ou irmão mais velho, são os agressores sexuais mais freqüentes e desafiadores. Embora a maioria dos abusadores seja do sexo masculino, as mulheres também abusam sexualmente de crianças e adolescentes.

Esses casos começam lentamente através de sedução sutil, passando à prática de “carinhos” que raramente deixam lesões físicas. É nesse ponto que a criança se pergunta como alguém em quem ela confia, de quem ela gosta, que cuida dela e se preocupa com ela, pode ter atitudes tão desagradáveis.

### **A família da criança abusada sexualmente –**

A primeira reação da família diante da notícia de abuso sexual é de incredulidade. Como é comum as crianças inventarem histórias, elas podem relatar relações sexuais imaginárias com adultos, mas isso não é a regra. De modo geral, mesmo que o suposto abusador seja alguém em quem se confiava, em tese a denúncia da criança deve ser considerada.

Em geral, aqueles que abusam sexualmente de crianças podem fazer com que suas vítimas fiquem extremamente amedrontadas de revelar suas ações, incutindo nelas uma série de pensamentos torturantes, tais como culpa, medo de ser recriminada, punida, etc. Por isso, se a criança diz ter sido molestada sexualmente, os pais devem fazê-la sentir que o que ocorreu não foi sua culpa, devem procurar ajuda médica e levar a criança para um exame com o psiquiatra.

Os psiquiatras da infância e adolescência podem ajudar crianças abusadas a recuperar sua auto-estima, a lidar melhor com seus eventuais sentimentos de culpa sobre o abuso e a começar o processo de superação do trauma. O abuso sexual em crianças é um fato real em nossa sociedade e é mais comum do que muitas pessoas pensam. Alguns trabalhos afirmam que pelo menos uma em cada cinco mulheres adultas e um em cada dez homens adultos se lembra de abusos sexuais durante a infância.

O tratamento adequado pode reduzir o risco de a criança desenvolver sérios problemas no futuro, mas a prevenção ainda continua sendo a melhor atitude. Os pais podem tomar algumas medidas preventivas, fazendo com que essas regras de conduta soem tão



naturais quanto as orientações para atravessar uma rua, afastar-se de animais ferozes, evitar acidentes, etc. Se considerarem que a criança ainda não tem idade para compreender adequadamente a questão sexual, simplesmente expliquem que algumas pessoas podem tentar tocar as partes íntimas (apelidadas carinhosamente de acordo com cada família), de forma que se sintam incomodadas.

1. Dizer às crianças que, “se alguém lhes tocar o corpo e fizer coisas que as levem a sentir-se mal, se afastem da pessoa e contem em seguida o que aconteceu”.
2. Ensinar às crianças que o respeito aos mais velhos não quer dizer que têm de obedecer cegamente aos adultos e às figuras de autoridade. Por exemplo, dizer que não têm que fazer tudo o que os professores, médicos ou outros cuidadores mandam fazer, enfatizando a rejeição daquilo que não as faça sentir-se bem.
3. Ensinar às crianças a não aceitarem dinheiro ou favores de estranhos.
4. Advertir as crianças para nunca aceitarem convites de quem não conhecem.
5. A atenta supervisão da criança é a melhor proteção contra o abuso sexual, pois, muito possivelmente, ela não separa as situações de perigo das de sua segurança sexual.
6. Na grande maioria dos casos, os agressores são pessoas que conhecem bem a criança e a família; podem ser pessoas às quais as crianças foram confiadas.
7. Embora seja difícil proteger as crianças do abuso sexual de membros da família ou amigos íntimos, é uma atitude fundamental vigiar as situações potencialmente perigosas.
8. Estar sempre ciente do lugar em que a criança se encontra e o que ela está fazendo.
9. Pedir a outros adultos responsáveis que ajudem a vigiar as crianças quando os pais não podem cuidar disso intensivamente.
10. Se não for possível uma supervisão intensiva dos adultos, pedir às crianças que fiquem o maior tempo possível junto de outras crianças, explicando as vantagens do companheirismo.
11. Conhecer os amigos das crianças, especialmente os que são mais velhos do que elas.
12. Ensinar a criança a zelar de sua própria segurança.
13. Orientar as crianças sobre como proceder caso percebam más intenções de pessoas pouco conhecidas ou mesmo íntimas.
14. Orientar as crianças no sentido de buscar ajuda de outro adulto quando se sentirem incomodadas.
15. Explicar as opções de chamar atenção sem se envergonhar, gritar e correr em situações de perigo.

**Quebrando o Silêncio**

16. Dizer às crianças que elas não devem estar sempre de acordo com iniciativas para manter contato físico estreito e desconfortável, mesmo que sejam por parte de parentes próximos e amigos.

17. Valorizar positivamente as partes íntimas do corpo da criança, de forma que o contato nessas partes chame a atenção delas para o fato de algo inusitado e estranho possa estar acontecendo.

**Abuso sexual intrafamiliar**

Agressor	Nº	%
Pai	77	52
Padrasto	47	32
Tio	10	8
Mãe	4	4
Avô	3	2
Primo	2	1
Cunhado	2	1
<b>Total</b>	<b>145</b>	<b>100</b>

**O que fazer** – Uma falsa crença é esperar que a criança abusada avise sempre sobre o que está acontecendo.

Entretanto, na grande maioria das vezes, as vítimas de abuso são convencidas pelo abusador de que não devem dizer nada a ninguém. A primeira intenção da criança é, de fato, avisar alguém sobre seu drama mas, em geral, nem sempre ela consegue fazer isso com facilidade, apresentando um discurso confuso e incompleto. Por isso, os pais precisam estar conscientes de que as mudanças na conduta, no humor e nas atitudes da criança podem indicar que ela é vítima de abuso sexual.

Muitos pais se sentem totalmente despreparados e pegos de surpresa quando sua criança é abusada, mas sempre devemos ter em mente que as reações emocionais da família são muito importantes na recuperação da criança.

Quando uma criança diz a um adulto que sofreu abuso sexual, o adulto pode sentir-se muito incomodado e não saber o que dizer ou fazer. Vejamos algumas sugestões (American Academy of Child and Adolescent Psychiatry):

1. Incentivar a criança a falar livremente o que se passou, sem externar comentários de juízo.
2. Demonstrar que estamos compreendendo a angústia da criança e levando muito a sério o que ela está dizendo. As crianças e adolescentes que encontram quem os escuta com atenção e compreensão, reagem melhor do que as que não encontram esse tipo de apoio.
3. Assegurar à criança que ela fez muito bem em contar o ocorrido, pois, se ela tiver uma relação muito próxima com a pessoa de quem sofreu o abuso, normalmente se sentirá culpada por revelar o segredo, ou com muito medo de que sua família a castigue por divulgar o fato.
4. Dizer enfaticamente à criança que ela não tem culpa pelo abuso sexual. A maioria das crianças vítimas de abuso pensa que elas foram a causa do ocorrido, ou podem imaginar que isso é um castigo por alguma coisa má que tenham feito.

Finalmente, oferecer proteção à criança, e prometer que fará de imediato tudo o que for necessário para que o abuso termine.

No momento em que esse incidente vem à tona, devemos considerar que o bem-estar da criança é a prioridade. Se os familiares estão emocionalmente perturbados, o assunto deve ser interrompido para que as emoções e idéias possam ser mais bem organizadas. Depois disso, deve-se voltar a tratar do assunto com a criança, explicando que as emoções negativas são dirigidas ao agressor e nunca contra a criança.

Não devemos pressionar a criança a relatar tudo de uma só vez, principalmente se ela estiver muito emocionada. Mas, por outro lado, devemos encorajá-la a falar com liberdade tudo o que aconteceu, escutando-a carinhosamente para que se sinta confiante. Responda a qualquer pergunta que a esteja angustiando e esclareça qualquer mal-entendido, enfatizando sempre que é o abusador e não a criança o responsável por tudo.

Se o abusador é um familiar, a situação é bastante difícil para a criança e para os demais membros da família.

Embora possam existir fortes conflitos e sentimentos sobre o abusador, a proteção da criança deve continuar sendo a prioridade. Abaixo, algumas condutas que devem ser adotadas nos casos de violência sexual contra crianças:

1. Informe as autoridades sobre qualquer suspeita séria de abuso sexual.
2. Consultar imediatamente um pediatra ou médico da família para atestar a veracidade da agressão (quando houver sido concretizada). O exame médico pode avaliar as condições físicas e emocionais da criança e indicar um tratamento adequado.
3. A criança abusada sexualmente deve submeter-se a uma avaliação psiquiátrica ou a outro profissional de saúde mental, qualificado, para determinar os efeitos emocionais da agressão sexual, bem como avaliar a necessidade de ajuda profissional para superar o trauma do abuso.
4. Ainda que a maior parte das acusações de abuso sejam verdadeiras, pode haver falsas acusações em casos de disputas sobre a custódia infantil ou em outras situações familiares complicadas.
5. Quando a criança tem que testemunhar sobre a identidade de seu agressor, deve-se optar por métodos indiretos e especiais, sempre que possível, tais como o uso de vídeo, afastamento de expectadores dispensáveis ou qualquer outra opção de não ter que encarar o acusado.
6. Quando a criança faz uma confidência a alguém sobre abuso sexual, é importante dar-lhe apoio e carinho; este é o primeiro passo para ajudar no restabelecimento de sua auto-confiança, na confiança nos outros adultos e na melhoria de sua auto-estima.

7. Normalmente, devido ao grande incômodo emocional que os pais experimentam quando ficam sabendo que seus filhos foram vítimas de abuso sexual, estes podem pensar, erroneamente, que a raiva é contra eles. Por isso, deve ficar muito claro que a raiva manifestada não é contra a criança abusada.

**Seqüelas** – Felizmente, os danos físicos permanentes, como consequência do abuso sexual, são muito raros. A recuperação emocional dependerá, em grande parte, da resposta familiar ao incidente (Embarazada.com). As reações das crianças ao abuso sexual diferem com a idade e a personalidade de cada uma, bem como com a natureza da agressão sofrida. Um fato curioso é que, algumas (raras) vezes, as crianças não são tão perturbadas por situações que parecem muito sérias para seus pais.

O período de readaptação depois do abuso pode ser difícil para os pais e para a criança. Muitos jovens abusados continuam atemorizados e perturbados por várias semanas, podendo ter dificuldades para comer e dormir, sentindo ansiedade e evitando voltar à escola.

As principais seqüelas do abuso sexual são de ordem psíquica, sendo um relevante fator na história da vida emocional de homens e mulheres com problemas conjugais, psicossociais e transtornos psiquiátricos.

Antecedentes de abuso sexual na infância estão fortemente relacionados a comportamento sexual inapropriado para a idade e nível de desenvolvimento, quando comparado com a média das crianças e adolescentes da mesma faixa etária e do mesmo meio sócio-cultural sem história de abuso.

Em nível de traços no desenvolvimento da personalidade, o abuso sexual infantil pode estar relacionado a futuros sentimentos de traição, desconfiança, hostilidade e dificuldades nos relacionamentos, sensação de vergonha, culpa e auto-desvalorização, baixa auto-estima, distorção da imagem corporal, Transtorno Borderline de Personalidade e Transtorno de Conduta.

Em relação a quadros psiquiátricos francos, o abuso sexual infantil se relaciona com o Transtorno do Estresse Pós-traumático, com a depressão, disfunções sexuais (aversão a sexo), quadros dissociativos ou conversivos (históricos), dificuldade de aprendizagem, transtornos do sono (insônia, medo de dormir), da alimentação, como obesidade, anorexia e bulimia, ansiedade e fobias. ❖



# Sites úteis

## Brasil



[www.quebrandoosilencio.com.br](http://www.quebrandoosilencio.com.br)

Este site dispõe de orientações e conselhos práticos para quem deseja mais informações sobre a prevenção contra o abuso infantil, quer seja emocional, físico ou espiritual. Você pode encontrar também material didático para as crianças, como jogos e entretenimentos educacionais.



[www.mds.gov.br/programas/programas03.asp](http://www.mds.gov.br/programas/programas03.asp)

Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes



[www.risolidaria.org.br/util/view\\_home.jsp?hm=200406010009](http://www.risolidaria.org.br/util/view_home.jsp?hm=200406010009)

Este *portal* apresenta informações e endereços dos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente; dos Conselhos Tutelares; das Varas da Infância e Juventude; das Delegacias Especializadas; dos Fóruns dos Direitos da Criança e do Adolescente; das Entidades de Atendimento, etc., por região e Estados brasileiros.

## Internacionais



[www.adventistfamilyministries.org](http://www.adventistfamilyministries.org)

Informação geral sobre a prevenção do abuso contra a criança e resposta apropriada da Igreja através de seu departamento dos Ministérios da Família da Associação Geral da IASD.

Materiais especiais da sede mundial sobre o abuso e a violência na família.



[www.adventist.org/beliefs/statements/respect-for-all-people.html](http://www.adventist.org/beliefs/statements/respect-for-all-people.html)

Declaração da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia quanto à afirmação da importância da proteção à criança.



[www.adventistrisk.org/pdfs/childprotectionsample.pdf](http://www.adventistrisk.org/pdfs/childprotectionsample.pdf)

Modelo de melhor prática do Adventist Risk Management (Seguros)

**SOS Criança** – Procurar na lista telefônica, nos telefones de emergência ou de utilidade pública do seu município.



ENTREVISTA: MARIA RAQUEL COREGGIO

# Em busca de proteção e ajuda

**Além de registrar ocorrências de abuso contra a mulher, as delegacias da mulher atendem milhares e milhares de crianças vítimas de violência física, emocional e sexual. O abuso contra crianças é uma nódoa que se espalha por todo o País, mas você pode fazer sua parte para prevenir ou minorar esse problema.**

A 7ª Delegacia da Mulher, na cidade de Guarulhos, na Grande São Paulo, é uma das mais concorridas em todo o Estado. São Paulo tem nove delegacias da mulher e, no ano passado, passaram pela Delegacia de Guarulhos mais de 12 mil pessoas com algum tipo de ocorrência. Essa região abrange quase três milhões de pessoas.

É especialmente nas segundas-feiras que um grande número de relacionamentos termina em boletins de ocorrência. O álcool, associado ao desemprego, assombra a vida de inúmeras famílias. “Os maridos ficam sábado e domingo em casa e, enquanto alguns bebem e vão dormir, outros preferem brigar”, diz a Dra. Maria Raquel Coreggio, titular da Delegacia da Mulher de Guarulhos. “Muitas pessoas não registram ocorrência por não terem o dinheiro da condução”, acrescenta a delegada que, além de ouvir as histórias, precisa oferecer orientação e vale-transporte.

Mas não é só a mulher que apanha. Muitos levam os filhos com hematomas no rosto e no corpo: são marcas de socos, de queimaduras de cigarro, de surras com fio de metal e outros meios de tortura.



No dia 4 de maio de 2006, Jaime Mário, de nove anos de idade, compareceu à delegacia, acompanhado pela representante do Conselho Tutelar de São Miguel Paulista, declarando que mora com a mãe e um irmão menor. A mãe sai de casa às 6h da manhã e só retorna por volta das 20h. O menino fica em casa, ajudando nos afazeres domésticos, e vai à escola sozinho. Quando retorna, muitas vezes vai para a rua brincar, coisa de que a mãe não gosta. Num de seus dias de folga, ela descobriu que o menino estava indo para a rua. Com um fio de metal, ela bateu tanto no garoto que o Conselho Tutelar decidiu mantê-lo separado da mãe por tempo indeterminado.

No dia 11 de maio de 2006, ocorreu outro caso, entre milhares. Carolina, de apenas 4 anos de idade, foi vítima de abuso sexual pelo próprio pai. A criança declarou,



com detalhes, o dia em que estava dormindo e a maneira como o pai cobriu a cabeça dela, tirou-lhe a roupa e começou a abusar sexualmente dela.

No dia 14 de maio de 2006, Ana Paula, de 5 anos de idade, foi encaminhada ao Conselho Tutelar, com a ajuda de amigos. Ela estava magra, abatida e com a cabeça toda infestada de piolhos e bichos (berne). O Conselho Tutelar decidiu tirar a menina de perto da mãe, porque esta não tinha condições de criar nem de educar uma criança como Ana Paula. A família foi avisada e o avô viajou do Nordeste para tentar obter a guarda da criança, e fazer alguma coisa por ela, já que a mãe a abandonou completamente.

Nesta entrevista, a Dra. Raquel Maria Coreggio nos ajuda a compreender como e por que esses dramas acontecem. Além disso, sugere uma série de medidas de prevenção contra o abuso em todas as suas formas.

### **Quebrando o Silêncio: Que tipo de pessoas comparece à delegacia em busca de ajuda?**

**Dra. Raquel:** Cinquenta por cento são mulheres que sofrem algum tipo de agressão do marido, dentro do lar; os outros 50% eu dividiria assim: 25% são vítimas de abuso sexual, que é um assunto muito grave, porque estou falando de pais que engravidam as filhas e acham isso muito natural; os outros 25% ficam por conta de maus-tratos contra idosos e crianças.

### **No caso de abuso sexual, quem normalmente descobre o problema?**

Via de regra, o problema demora a vir à tona. Por que a mãe não percebe? A mãe trabalha fora, tem obrigações a cumprir, e muitas vezes o pai fica sozinho com a filha, o que facilita a intimidade e, conseqüentemente, o abuso. Mais tarde, descobre-se que a filha está grávida. A menina tem medo do pai; por isso, diz que foi o namorado, mas quando constatamos que ela não tem namorado, fica evidente que foi o pai. Em regra geral, descobrimos tarde, quando ela já está grávida.

### **Quais são as medidas que a delegacia toma ao ser informada de que uma menina está grávida como conseqüência de abuso?**

Registramos a ocorrência e instauramos o inquérito policial. Por quê? Quando é o pai, o padrasto, o tutor ou o curador, não há necessidade de representação. Dependendo do caso, pedimos a prisão temporária. Por que prisão temporária? Porque o pai tem domínio sobre a filha e sobre o lar. Se ele ficar lá dentro, vai persuadir a filha a dizer que é mentira. Então, ela vem à delegacia, registramos o caso e em seguida a encaminhamos para um acompanhamento psicológico, por sinal, um trabalho muito bonito que a polícia faz, para que as

vítimas recebam atendimento médico e assistencial. Então, fazemos de tudo para cuidar dessa criança, tentando evitar que ela tenha mais tristezas ainda. O fato é que as cicatrizes ficam para sempre. Ninguém vai tirar isso, nunca mais. Normalmente, conseguimos prender o abusador, que fica em prisão temporária. Depois, pedimos prisão preventiva e, quando o juiz a concede, o ofensor aguarda a sentença na prisão.

### **A maior incidência desse tipo de abuso é contra crianças abaixo ou acima de 10 anos?**

Doze anos. É terrível, mas é a verdade. Já dei assistência a meninas de seis anos, até de quatro, que estavam sendo abusadas pelo pai. Ajudei uma de oito, cujo acompanhante estava com uma Bíblia na mão e se dizia evangélico. Foi muito triste o processo de acareação. Coloquei o pai e a criança frente a frente, e a menina olhou para mim e disse: “Doutora, eu não quero que batam, nem matem meu pai. Eu só quero que ele pague o que fez no meu corpo.” Ele pegou quase dez anos de cadeia, e continua preso.

### **Existe proteção para quem denuncia mãe, pai ou outra pessoa?**

Em São Paulo, temos o Disque Denúncia 181. A pessoa liga e não há necessidade de ir à delegacia. Apenas disca e faz a denúncia do fato, e nós vamos investigar. Se, por exemplo, alguém liga para mim (já aconteceram vários casos assim), não pergunto o nome, nem o endereço. Só pergunto como os fatos ocorreram, e depois vamos investigar. Portanto, não há necessidade de a pessoa ir à delegacia. Às vezes, os avós é que vêm. Eles dizem: “Olha, minha filha faz isso e isso, meu filho faz isso e isso com meu neto. Alguma providência precisa ser tomada.” Em tais circunstâncias, chamamos imediatamente o Conselho Tutelar para nos ajudar, porque há certas crianças que não têm onde ficar. Por isso, o Conselho Tutelar abriga essas crianças. Elas são colocadas num lugar em que são bem tratadas, até que o juiz escolha um lugar para onde possam ir. Às vezes, vão para um parente mais próximo; outras vezes, para uma pessoa que se responsabilize por elas.

### **Como devemos orientar a criança no sentido de se proteger contra o abuso?**

Primeiro, confiar na mãe. Contar para a mãe o que está acontecendo, nos casos em que o pai é o agressor físico, moral ou sexual. Temos muitos casos de agressão física ou violência sexual dentro do lar. Então, a criança deve contar à mãe, confiar nela. Muitas crianças me dizem o seguinte: “Eu não contei pra minha mãe até hoje porque ela não acredita em mim.” Ora, se a mãe não acredita na criança, esta deve ir em busca de alguém, ou

procurar a delegacia. A criança pode ir à delegacia sozinha. De imediato, chamo o Conselho Tutelar que, a partir daquele momento, passa a representar a criança. Não há necessidade de o pai, mãe ou algum parente adulto estar junto, porque o Conselho supre essa falta. Mas é importante que a criança confie em alguém. Ela precisa abrir a boca e contar. Alguém a ouvirá.

As pessoas não têm idéia da gravidade de um abuso sexual, ou de uma criança que esteja sendo maltratada com alicatinho de unha. Outras vezes, os abusadores colocam pontas de cigarro para queimar-lhe o corpo, dão cintadas, torturam com fio de metal, etc. A criança fica cada vez mais introvertida, calada, vai mal na escola, e assim por diante. Temos casos em que a professora percebeu que a criança estava diferente. Foi conversar com ela, com muito amor e carinho, e a criança passou a confiar na professora, que levou o caso à diretora e esta trouxe o fato até nós.

**Suponhamos que a criança esteja em casa, sem que a mãe ou alguém possa fazer algo por ela. De repente, o pai começa a oferecer presentes ou fazer promessas. Nesse caso, o que a criança deve fazer?**

Se ela frequenta a escola, deve ser orientada a contar tudo à professora. Depois da mãe, cabe à professora tomar conhecimento do problema. É preciso revelar o caso a alguém.

### **Como identificar uma criança vítima de abuso?**

Já vi quase todos os casos possíveis e imagináveis. E percebi o seguinte: a criança que está sendo abusada, normalmente começa a ficar quieta, não quer prestar atenção em nada; se é uma boa aluna, passa a tirar notas baixas, não brinca, não quer sair. Algumas se preocupam em ficar perto do pai, e o abraçam. Há crianças que se apaixonam pelo pai. É uma paixão diferente. Acham que ele é tudo na vida delas. Desse modo, quando ele começa a fazer carinhos, que não são carinhos normais, elas acham que tudo isso é normal, se estiverem entre oito e dez anos de idade. Já atendi uma menina com a qual o pai começou a brincar dando-lhe um beijo chamado de “selinho”. Isso é muito indecente. Nenhuma mãe deve permitir que alguém faça isso com seu filho ou filha. No caso em questão, o pai começou a beijar a filha na boca. Daí começou a manipular-lhe o corpo, mexer nos seios. Ela me disse o seguinte: “Eu achava que era carinho do meu pai; eu nunca pensei em





outra coisa.” Apenas quando chegou aos 14 anos ela veio à delegacia e me contou tudo. Durante oito anos aquele homem abusou dessa criança. E ela só contou porque houve o ato sexual. “Doutora, quando meu pai fazia isso comigo, eu gritava de dor. Quando tudo terminava, ele olhava para mim e começava a rir. Aquele riso dele está até hoje na minha memória.” Ele abusou dela desde os seis anos de idade.

As mães devem ter cuidado, observar o comportamento da filha dentro de casa, quando há um padrasto ou outro adulto por perto. Devem também observar os irmãos e as irmãs.

Um rapaz de 19 anos abusou sexualmente da irmã de seis anos, e a menina ficou 13 dias no hospital. Foram necessárias duas cirurgias, uma das quais de períneo. E o rapaz me disse: “Ah, eu olhei nela, achei bonitinha, pensei que fosse minha namorada e me deu vontade de ter relação.”

As mães devem observar a roupa que as filhas usam, observar como elas se sentam. Precisam cuidar delas e educá-las para a vida. Mas educá-las de uma maneira que não imitem o que há de ruim nos programas de televisão. Devem incentivá-las a seguir o que é bom, a ter pudor, um pouquinho de vergonha. Acho que está faltando isso em muitos lares.

### **Por que algumas mães evitam procurar as autoridades?**

Muitas mães são coniventes. Às vezes, é a mãe que espanca. Às vezes, ela e o marido batem, não querem dor de cabeça, estão cansados, chegaram do trabalho, têm outros problemas. Então, ocorre o espancamento.

Lidei com o caso de uma senhora casada com um homem de 62 anos. Eles tinham dois filhos e esperavam o terceiro. A menina de 9 anos, que era enteada, foi abusada por ele. Quando perguntei a razão pela qual a mãe não havia percebido o problema, ela disse que realmente não havia visto nada, não sabia de nada. Perguntei-lhe ainda: “Mas a senhora não sai de casa, como não percebeu?” Ela respondeu: “Por favor, não faça nada contra ele, porque agora tenho uma casa, tenho comida, tenho isso, tenho aquilo.” Perguntei: “E o que será de sua filha daqui para a frente?” A mãe não sabia o que responder.

As seqüelas são gravíssimas. Há mães que, dependendo do caso, respondem judicialmente com o pai, com o padrasto, com o irmão, ou com o filho. Lidei com um caso em que um irmão abusou da irmã. A mãe me procurou, mas não quis registrar a ocorrência. Ela simplesmente não quis, pois tem esse direito. Portanto, não pude fazer nada. Depois disso, o rapaz sumiu de São Paulo, foi embora para o Nordeste. O fato é que muitas mães se omitem. Em alguns casos, elas não registram a

ocorrência, porque não têm interesse. Noutros casos, dizem: “Bem, minha filha não está grávida; portanto, não foi abuso. Só aconteceram algumas coisinhas.” Mas se esquecem das seqüelas que ficarão com a filha pelo resto da vida.

Isso não ocorre apenas com meninas. Meninos também têm sido vítimas. Temos casos de abuso sexual causado por pai, irmãos, tios e outros parentes. Há pais que colocam uma venda nos olhos. Não querem enxergar o perigo. Mas precisamos vigiar e observar, pois isso é muito grave.

### **O que mais é considerado abuso ou violência infantil?**

A lei fala muito em abuso sexual – violência de agressão. Mas podemos ampliar um pouquinho o quadro. É também abuso o fato de os pais negarem comida aos filhos. Há pais que os abandonam. Existe o abandono intelectual, que consiste em não levar a criança à escola, não matriculá-la numa escola para que aprenda a ler e escrever. Isso também é uma forma de abuso. Há pais que colocam os filhos na rua ou no cruzamento de avenidas para pedir moedas, para vender balinhas... Tais crianças não têm acesso a uma alimentação saudável. Isto também é uma forma de abuso, e abuso grave. Portanto, a agressão não consiste só em bater e machucar: puxar o cabelo, dar tapa no rosto, também é agressão. Há pais que ofendem os filhos, chamando-os de burros. Chamar alguém de burro ou idiota é agressão emocional grave. Tudo isso se enquadra no abuso contra a criança, e a pena aumenta quando a criança está abaixo de 14 anos.

### **O que dizer a um adolescente ou jovem que sofreu abuso quando criança?**

Procure um tratamento sério. E não deixe de procurar Deus. Porque Ele, afinal de contas, é capaz de remover tudo de ruim que há em nosso coração. Eu digo às pessoas na delegacia em que trabalho: “Busquem a Deus. Ele é o caminho único, não há outro.” E tem dado certo em alguns casos. Algumas pessoas voltam e dizem: “A senhora me indicou uma terapia maravilhosa: Jesus Cristo. Uma terapia perfeita, não existe coisa melhor.”

Portanto, toda criança tem o direito de crescer e ser feliz, direito a um crescimento normal e saudável. Crescer gostando de si mesma. Crescer com ambições positivas na vida. Crescer com direito ao sucesso, como todas as demais. Direito de ter um namorado que goste dele ou dela. De formar uma família exemplar, enfim, de ter um lar feliz, bem diferente daquele do passado. E, mesmo que você tenha sido abusada ou abusado em algum período de sua vida, levante a cabeça, abra o coração para o nosso Pai celestial, pois Ele é capaz de perdoar, curar e esquecer tudo que aconteceu. ❖

# Caixinha de

por EVELYN NAGEL

**G**osto de pensar nas pessoas como se elas fossem uma caixinha de surpresas. Ao longo do nosso breve período de vida, essas surpresas explodem impulsionadas por acontecimentos, fatos, ocorrências, situações. Algumas surpresas são muito boas; outras, nem tanto.

Você já se surpreendeu com suas próprias reações ou com alguém ligado a você diante de algum acontecimento importante? Às vezes, esperamos uma reação de força, de garra, de luta e acontece exatamente o oposto: fragilidade, dependência e insegurança. Outras vezes, esperamos fragilidade, indecisão, insegurança e, então, desponta um ser humano forte e com grande poder de superação. Somos assim: uma caixinha de surpresas, e o que somos depende em grande parte do nosso ambiente, de como vivemos, dos nossos relacionamentos, das emoções e dos sentimentos positivos ou negativos.

Às vezes, nossa história de vida parece um quadro sendo pintado: se a combinação das cores não parece agradável, o pintor limpa o pincel e tenta nova combinação. Mas isso só é possível enquanto o quadro ainda não estiver seco. Quando as tintas secam, fica muito mais difícil modificar o que foi pintado e nem sempre o resultado é o esperado.

Acontece algo parecido com as pessoas que foram magoadas, feridas e que carregam vida afora as marcas da dor e do sofrimento. Algumas surpreendentemente conseguem superar os traumas e, apesar das cicatrizes, buscam ajuda e saem vitoriosas. Outras, no entanto, se fecham como uma ostra carregando uma pérola preciosa e deixam que a dor cresça protegida por uma couraça intransponível.

Não sou especialista na área das relações humanas. Quero apenas reforçar que ninguém precisa viver em angústia e sem esperança por toda a vida por ter sofrido a dor do abuso, seja ele de que tipo for. Existe uma saída. Há cura para os males decorrentes dos traumas emocionais. E aqui estão algumas promessas:

“Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor, e Ele os livrou das suas tribulações.” Sal. 107:6.

“Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares.” Jos. 1:9.





# surpresas

## Marque sua vida buscando todo recurso para superar a dor

A ajuda da família, dos amigos, dos profissionais especializados no tratamento dos traumas emocionais pode ter muito mais eficácia quando acompanhada de fé. A própria ciência já comprovou a teoria de que acreditar que há um Deus que nos ama e está preocupado com o nosso bem estar, pode fazer a diferença no processo de cura.

Durante toda a nossa vida, quer pela criação, quer pela prática religiosa e também pelo exemplo, tomamos o amor de mãe como a base do amor que supera todas as expectativas. No entanto, hoje, vemos mães cujo amor foi corrompido e, como conseqüência, não defendem sua prole como era de se esperar. Mas prestemos atenção em mais essa promessa:

“Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, Eu, todavia, não Me esquecerei de ti.” Isa. 49:15.

Aquele que vive a dificuldade do abandono, da dor e do sofrimento provocado pelo abuso em qualquer das suas formas, deve experimentar o remédio infalível do amor de Deus. A certeza desse amor faz com que tenhamos força de vontade para lutar e desviar as conseqüências das emoções negativas de acontecimentos ruins.

Ninguém pode mudar o passado, não dá para retroceder no tempo e apagar os acontecimentos desagradáveis que nos marcaram negativamente, mas uma coisa podemos fazer: decidir lutar, decidir vencer, decidir buscar o socorro necessário. Nessa busca, “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações” (Sal. 46:1). Acredite nisso e, em vez de deixar que sua vida seja marcada pela dor, marque sua existência buscando todo recurso necessário para superar a dor. Surpreenda-se a si mesmo e seja feliz! ❖

**Evelyn Nagel** é diretora dos Ministérios da Mulher da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

*Colaborou:* **Cleide Selma Dias**, secretária do setor de viagens da mesma organização.





*Ninguém pode mudar o passado,  
não dá para retroceder no tempo e  
apagar os acontecimentos desagradáveis  
que nos marcaram negativamente,  
mas uma coisa podemos fazer: decidir lutar,  
decidir vencer, decidir buscar o socorro necessário.  
Nessa busca, “Deus é o nosso refúgio e fortaleza,  
socorro bem presente nas tribulações.” Salmo 46:1*